

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA O
PENSAR”

PATRÍCIA CORREIA BARBOSA SANTANA

PROFESSORA É HORA DA HISTÓRIA?
DISCUSSÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DOS CONTOS DE
FADAS NA FORMAÇÃO ÉTICA E SOCIAL DA CRIANÇA.

SÃO PAULO
2014

PATRÍCIA CORREIA BARBOSA SANTANA

PROFESSORA É HORA DA HISTÓRIA?
DISCUSSÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DOS CONTOS DE
FADAS NA FORMAÇÃO ÉTICA E SOCIAL DA CRIANÇA.

Monografia apresentada à Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
como requisito à obtenção do título
de especialista.

Orientador: Maria Liliana Inés Emparan

SÃO PAULO
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA O
PENSAR”

Patrícia Correia Barbosa Santana

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de
especialista.

Banca Examinadora:

Maria Liliana Inés Emparan

“A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro”. Albert Einstein

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me proporcionou a oportunidade de concretizar mais um sonho, dando - me forças e coragem para prosseguir até o fim.

A minha família, meus pais, meu esposo e aos meus irmãos, que em todos os momentos estiveram ao meu lado, suportando comigo minhas aflições, ansiedades e dificuldades sem o apoio deles não seria possível vencer este desafio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Márcia e Fernando, ao meu esposo Tiago e meus irmãos Leonardo e Gabriella, pela paciência e amor que sempre tiveram comigo.

A minha orientadora Liliana, pelo carinho, transparência e calma no processo de elaboração deste trabalho. Suas orientações, toques e sugestões me impulsionaram a aperfeiçoar e tornar-me melhor.

Que Deus continue abençoando suas vidas cada vez mais.

RESUMO

O encantamento de ouvir e o prazer de contar histórias retratam traços de diferentes culturas dos povos, os contos de fadas em especial despertam a curiosidade, o imaginário e permitem a reflexão sobre o comportamento humano. Afinal, por meio da leitura e/ou contar histórias as crianças usufruem do imaginário infantil e às estimulam a descobrir novas maneiras de enxergar e enfrentar as dificuldades da vida. O presente trabalho tem como finalidade apresentar aos leitores a concepção histórica de infância a fim de refletirmos sobre as contribuições que a literatura infantil - contos de fadas – proporcionam na formação ética e social de uma criança. Assim, este estudo se limitará a fazer referência aos contos de fadas, de forma a contextualizar sua pluralidade no ambiente escolar e analisar versões tradicionais – Perrault e Irmãos Grimm - e uma versão contemporânea do conto de fadas: Chapeuzinho Vermelho.

Palavras chave: Contos de fadas, concepção de infância, leitura, ética e Chapeuzinho Vermelho.

ABSTRACT

The enchantment of listening and the pleasure of telling stories portray traits of people from different cultures, fairy tales in particular arouse curiosity, imagination and allow reflection on human behavior. After all, by reading and / or tell stories children enjoy the children's imagination and stimulate discover new ways to see and face the difficulties of life. This paper aims to introduce readers to the historical conception of childhood in order to reflect on the contributions that children's literature - fairytales - provide the ethical and social formation of a child. Thus, this study will be narrowed to refer to fairy tales in order to contextualize their plurality in the school environment and analyze traditional versions - Perrault and Brothers Grimm - and a contemporary version of the fairy tale: Little Red Riding Hood.

Keywords: Fairytales, conception of childhood, reading, ethics and Red Riding Hood.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NOS SÉCULOS XVI, XVII E XVIII E O NASCIMENTO DA LITERATURA INFANTIL.....	11
1.2. DA TRADIÇÃO ORAL PARA O ESCRITO.....	17
1.3. O NASCIMENTO DA LITERATURA INFANTIL.....	19
1.4. OS CONTOS DE FADAS DE PERRAULT E IRMÃOS GRIMM.....	22
CAPÍTULO 2: OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTO DA ÉTICA E DA MORAL NO CONTEXTO ESCOLAR.....	26
2.2. O QUE É ÉTICA E MORAL? CONCEITOS PARA VIDA.....	29
2.3. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO VYGOSTSKY.....	34
3. CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES HISTÓRIAS	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	50
6 REFERÊNCIAS	53
7 ANEXOS	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à pesquisa a respeito dos Contos de Fadas e sua significância no desenvolvimento infantil, uma vez que o encantamento e o brilho desse tipo de literatura jamais se apagam, trazendo possibilidades de adultos e crianças sonharem e refletirem a respeito do comportamento humano.

Ao longo do trabalho percebemos que o contexto histórico o qual surgiram os contos de fadas houve estreita relação com as difíceis condições de vida das pessoas, assim, os contos serviam como forma de lazer e reflexão sobre os acontecimentos cotidianos.

Acreditamos que o recurso oferecido pelos contos de fadas possa ser usado sempre. É isto que tentamos discutir ao longo dos capítulos.

Ponderamos algumas questões no primeiro capítulo sobre a concepção de infância, a tradição oral e o nascimento da literatura infantil.

No segundo capítulo discutimos a importância dos contos de fadas no universo infantil e quais as implicações que a moral e a ética podem ser trabalhadas no contexto escolar.

E no último capítulo realizamos a análise do conto mundialmente conhecido Chapeuzinho Vermelho que foi escolhido em suas versões tradicionais – Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm – em uma versão adaptada atual “Chapeuzinhos Coloridos” o qual podemos observar as grandes questões e dilemas que o ser humano vive.

CAPÍTULO 1. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NOS SÉCULOS XVI, XVII E XVIII E O NASCIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

1.1. CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NOS SÉCULOS XVI, XVII E XVIII

Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam. Exatamente porque a vida é freqüentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. BETTLHEIM (1980, p. 13).

A sociedade da época não tinha a consciência do que era a infância, encarava como uma etapa que deveria ser ultrapassada rapidamente para o sujeito tornar-se mais produtivo e proporcionar contribuições para a sociedade.

Áries explica em sua obra (1973, p.164):

As idades, as etapas da vida, do homem, correspondiam a noções políticas, comuns, repetidas e usais que passaram do domínio da ciência ao domínio da experiência comum. As idades correspondiam aos planetas e eram em número de 7 - em infância, a pueritia; uma fase pré adolescência; a adolescência, fase indefinida que variava dos 21 aos 35, 40 anos; a juventude dos 40 aos 50 anos; a senelidade , media entre a juventude e a velhice; a velhice dos 70 anos ou mais, até a morte.

No período dos séculos XVI e XVII o sentimento pelas crianças era vivenciado de uma maneira peculiar, pois não existia a consciência de distinguir a criança pequena do adulto, elas viviam sem a presença ou cuidados de uma pessoa maior e eram destinadas a aprender os ofícios dos mais velhos.

O momento vivido por essas pessoas era de precariedade por conta das epidemias e fome, os camponeses tinham um trabalho árduo, iniciavam sua rotina ao amanhecer e terminavam ao anoitecer, arando a terra.

Grandes massas humanas viviam num estado de subnutrição crônica, subsistindo, sobretudo com uma papa feita de pão e água, eventualmente tendo misturadas algumas verduras de cultivo doméstico. Comiam carne apenas umas poucas vezes por ano, em dias de festa ou depois do abate do outono, que só ocorria quando não tinham silagem suficiente para alimentar o gado durante o inverno. (DARNTON, 1996, p.32).

A sociedade da época tinha como modelo econômico o sistema feudal, baseado na agricultura e no trabalhar braçal, onde ocorriam trocas de mercadorias. A base econômica constituía - se em o feudo (porque a pessoa que possuía um maior número de terra era considerada com poder) e tinha a característica de ser estática. Os detentores das terras eram os senhores feudais, duques, condes, entre outros nobres, responsáveis pela arrecadação de impostos. A Igreja Católica - o clero – possuíam a maior detenção de poder, pois eram considerados agentes da proteção espiritual da sociedade (arrecadavam os

dízimos e não pagavam impostos), já os servos pagavam tributos, taxas e impostos aos senhores feudais.

De acordo com Zilberman (2002, p. 35): “Centralizado na preservação de amplas relações de parentesco, vigora sempre que se tem como meta a manutenção da propriedade e da herança. Supõe, pois a supremacia de uma classe aristocrática pela expansão dos vínculos familiares”.

O sistema feudal durou durante muitos anos, entretanto, no século XII algumas mudanças sociais, econômicas e políticas ocorriam na Europa e influenciaram outros países. O feudalismo não terminou repentinamente, mas foi enfraquecendo aos poucos e surgia um novo sistema: o capitalismo.

O momento de transição pelo qual a população francesa passava, foi de extrema importância para entendermos o que viria acontecer posteriormente na história mundial, o que conseqüentemente afetou na produção artística e literária. Ao refletirmos sobre as condições nas quais a população vivia e os meios nos quais travavam para viver, compreendemos a razão de a infância ter um reconhecimento / consciência tardia do povo. Segundo Darnton (1996, p. 32, 33):

Para a maioria dos camponeses, a vida na aldeia era uma luta pela sobrevivência, e sobrevivência significava manter-se acima da linha que separava os pobres dos indigentes. A linha de pobreza variava de lugar para lugar, de acordo com a extensão de terras necessária para pagar impostos, dízimos e tributos senhoriais; separar grãos suficientes para plantar no próximo ano; e alimentar a família. [...] Diante destas dificuldades, os "pequenos" (*petites gens*) sobreviviam com a esperteza. Conseguiam trabalho como lavradores, teciam e fiavam panos em suas

cabanas, faziam trabalhos avulsos e saíam pela estrada, pegando serviços onde pudessem encontrá-los.

O autor retrata o agravamento das mortes infantis em grande escala, pois não tinham condições básicas para sobrevivência, faltava alimento, saneamento básico e havia a transmissão de pestes (período da Peste Negra), além das famílias priorizarem os "mais fortes" e que ajudavam no trabalho, como meio de maior produtividade.

A morte vinha da mesma maneira implacável para as famílias que permaneciam em suas aldeias e se mantinham acima da linha de pobreza. Como mostraram Pierre Goubert, Louis Henry, Jacques Dupâquier e outros demógrafos históricos, a vida era uma luta inexorável contra a morte, em toda parte, na França do início dos Tempos Modernos. Em Crulai, Normandia, 236 de cada 1.000 bebês morriam antes de seu primeiro aniversário, durante o século XVII, enquanto hoje morrem vinte. Cerca de 45 por cento dos franceses nascidos no século XVIII morriam antes da idade de dez anos, Poucos dos sobreviventes chegavam à idade adulta antes da morte de, pelo menos, um de seus pais. (DARNTON, 1996, p.33).

A compreensão do conceito de família era muito diferente do que hoje possuímos nos casamentos da sociedade francesa da época não existia um controle na reprodução humana, os filhos vinham de acordo com a "vontade de Deus", as mulheres que casavam um pouco mais tarde (após os vinte e cinco

anos) tinham uma média de seis filhos, entretanto, muitas mulheres morriam cedo, ou no parto ou por alguma doença transmitida (pestes, doenças sexuais).

Os homens por sua vez, arranjavam novos matrimônios, as mulheres tinham o papel de ajudar nos trabalhos de colheitas, além das "obrigações" domésticas e cuidar dos filhos. De acordo com Darnton (1996, p. 33):

As madrastas proliferavam por toda parte - muito mais que os padrastos, porque o índice de novos casamentos entre as viúvas era de um em dez. Os filhos postiços podem não ter sido tratados como Cinderela, mas as relações entre os irmãos, provavelmente, eram difíceis. Um novo filho, muitas vezes, significava a diferença entre pobreza e indigência. Mesmo quando não sobrecarregava a despesa da família, podia trazer a penúria para a próxima geração, aumentando o número de pretendentes, quando a terra dos pais fosse dividida entre seus herdeiros.

Diante de tantas adversidades podemos imaginar como era a condição de vida daquelas pessoas, viverem em uma sociedade cruel, Darnton (1996, p. 34) descreve: “Os camponeses, no início da França moderna, habitavam um mundo de madrastas e órfãos, de labuta inexorável e interminável, e de emoções brutais, tanto aparentes como reprimidas”.

Diante de situações tão difíceis de vida, seja pelas condições de saúde, alimentação, habitação e trabalho árduo a necessidade de lazer se impunha.

Outra forma de conviver com estas dificuldades eram de narrar e conseqüentemente procurar compreender a experiência vivida.

Ao refletirmos sobre a escola do século XVII é possível constatar que as crianças que ingressavam na escola eram da nobreza, pois tinham acesso aos clássicos da literatura, seus pais e tutores ensinavam a arte de leitura e escrita. Entretanto, as crianças pertencentes ao povo/ às classes populares não tinham a mesma oportunidade, desde cedo eram instruídas para áreas de trabalho, aprendiam algum ofício, como carpintaria, tapeçaria, entre outros. Portanto, o único contato que possuíam com a literatura era a tradição oral, segundo Azevedo¹

Participando da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias.

Outro momento histórico marcante é o processo de industrialização que se iniciava, onde passavam a existir novas classes sociais, entre elas a burguesia. Com todos esses acontecimentos a sociedade necessitava de novidades, além da economia que estava aquecida.

No século XVIII com o aumento da população infantil as escolas eram divididas pelas classes sociais, conforme Áries (2006, pág. 120) retrata: “a especialização social de dois tipos de ensino, um para o povo, e outro para as

¹ Artigo de Ricardo Azevedo - Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. Disponível em: www.ricardoazevedo.com.br.

camadas burguesas e aristocráticas”. Evidenciando a separação entre os pobres e a nobreza.

1.2. DA TRADIÇÃO ORAL PARA O ESCRITO

A tradição oral de contar histórias rompe milênios, antigamente utilizada para explicar alguns fenômenos naturais (mitos), bem como para manter tradições, expandir culturas e religiões, o ser humano usufruía desse instrumento de comunicação/fala para estabelecer relações entre si.

Contar histórias tornou-se uma arte, existiam muitas finalidades e circunstâncias, tanto que muitos gêneros de narrativa foram criados, como: fábulas, contos, mitos, parábolas entre outros.

Especificamente os contos de fadas é um tipo de narrativa que permeia a conservação de características culturais, pois possuem elementos da sociedade, do país o qual foi nascido. Quando a escrita foi descoberta e institucionalizada, por exemplo, no Egito como forma de preservar histórias, momentos marcantes daquele povo, utilizava - se a escrita a propósito de registrar e conservar aquilo que se considerava importante.

A tradição oral partilhava do armazenamento, conhecimento, valores, para difundir entre gerações, experiências importantes para a vida.

Na pré- história os homens usavam os desenhos (escrita pictográfica) para registrar o que acontecia, com o passar dos anos houve um aprimoramento pois surgia a necessidade de escrever coisas mais complexas (escrita ideográfica),

logo após a escrita codificada desenvolvida pelo babilônios e com a evolução do ser humano iniciou surgiram algumas letras e por fim o alfabeto.

Após a descoberta da escrita e a possibilidade de compartilhar e divulgar as histórias/ narrativas por meio dos escribas que realizavam esse registro, pois não eram todas as pessoas que tinham acesso e oportunidade para aprender a ler e escrever. Os livros nasciam a fim de perpetuar e solidificar as histórias.

Os contos de fadas possuem origem *céltico-bretã* (região francesa da Bretanha), passaram por muitas modificações de forma a suprimir os aspectos imorais e negativos. Ao observarmos as versões originais de Perrault e dos Irmãos Grimm, entre as obras deles podemos constatar diferenças, pois viveram momentos históricos distantes (aproximadamente um século).

1.2. O NASCIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000).

O nascimento da literatura infantil ocorreu entre o final do século XVII e início do século XVIII, na França sob arrojo de Charles Perrault (1628 - 1703), ele era advogado, escritor francês e funcionário do governo do Rei Luís XIV. Perrault reescreveu contos que faziam parte da sua infância e percebeu que agradava aos

seus filhos, a partir desse momento despertou nele o interesse em deixar registrados tais contos.

Desse modo, pediu a duas camponesas que contassem os contos que elas conheciam que pertenciam à tradição oral dos camponeses. Entretanto, esses contos narravam histórias que partilhavam de circunstâncias diárias, problemas e desejos sexuais, continham elementos considerados imorais, como situações de sexo grupal, incestos, canibalismo, entre outros, conteúdos destinados para adultos que compartilhavam em momentos livres.

Perrault reescreveu contos e preocupou-se em eliminar elementos grotescos e torpes, pois tinha intenção de suavizar versões já existentes, segundo a escritora Machado² (2002, p. 69).

A sociedade daquela época tratava as crianças como mini adultos, misturavam-se aos em suas funções diárias, como Áries (1978, p. 3) destaca: “A duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos”.

Mas durante a transição dos séculos XVII e XVIII começaram mudanças na produção cultural e houve reflexos na sociedade.

As crianças começaram a ser vistas sob um novo ângulo, como um ser que necessita de cuidados e assistência. Alguns pesquisadores e estudiosos partem do pressuposto que o termo "literatura infantil" teve início após a solidificação do sistema educacional burguês e apresentam características únicas, contendo

² MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os Contos Universais Desde Cedo.

influências da ascensão da burguesia. Perrault foi considerado "pai da literatura infantil", pois ele publicou as primeiras obras destinadas ao público infantil.

Ao lermos com atenção as obras reescritas por Perrault observamos que possuem uma estrutura com moral, que tinham o objetivo de instruir valores aos leitores, o primeiro livro a ser publicado foi "Contos da mamãe ganso" em 1697 e suas morais vinham em forma de poesia.

O termo Contos de Fadas, foi criado pelos franceses "*Conte de Fee*", no Brasil surgiu somente no século XIX, a escolha das fadas se deve ao fato da ideia de que são mulheres perfeitas, com poderes mágicos e muito bonitas e esses elementos associados a educação, a fantasia e estímulos para a criatividade que contribuem para construção do sujeito. Segundo Bettlheim (1980, p.20):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

O contato com as histórias possibilitam à criança usar o imaginário e estimular os sonhos e as fantasias, de modo que são utilizados para o desenvolvimento infantil. A literatura é definida como arte, contar histórias/tradição oral, sentar-se a beira da lareira, eram meios de desenvolver e compartilhar a arte.

A definição infantil surgiu para "diferenciar" o público, entretanto, não significa que a literatura infantil é só para crianças. Na verdade a literatura

corresponde às expectativas e identificação do leitor. Dessa forma, podemos encontrar nos Contos de fadas elementos que também interessaram os adultos, como Bettlheim (1980, p.20) destaca:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucesso de com toda grande arte, o significado profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida.

A ascensão da burguesia influenciou diretamente no "nascimento da literatura infantil", afinal a nova organização social e a concepção da infância estimulavam nas escolas os contos de fadas, pois continham lições morais, formas de instruir, moldar as crianças para as "normas sociais" e também a pedagogia como meio de ensino. Esse pensamento na literatura infantil estendeu-se até o início do século XX.

As crianças nesse momento eram vistas pelos adultos como um futuro promissor, pessoas com potencial para contribuir na sociedade. Dessa forma, a literatura tinha um papel importante para cooperar na instrução dessas crianças em ascensão, como Zilbermann (2002, p. 25) descreve: “[...] a escola passa habilitar as crianças para o consumo das obras, impressas, servindo como intermediário entre a criança e a sociedade de consumo”.

Logo, com as modificações da sociedade ao longo dos séculos e a influência da globalização, a produção da literatura infantil também mudou

atualmente a extensão em que ela atua é vasta, com liberdade, tanto que encontramos uma diversidade muito grande nas produções, livros ilustrados, coletâneas que conservam ou novas adaptações dos contos de fadas.

1.3. OS CONTOS DE FADAS DE PERRAULT E IRMÃOS GRIMM

Perrault viveu em um momento histórico importante, no século XVII, período em que muitas guerras e revoluções aconteceram. Entre tantos acontecimentos a burguesia que ascendia necessitava de algo novo e Perrault marcou a literatura mundial, por meio das histórias que seus filhos ouviam, despertou o interesse em aprofundar-se mais pelos contos.

O marco do nascimento da literatura infantil foi a coletânea chamada "Os contos da Mamãe Ganso" que foi publicado em 1967, o autor refinou os contos, procurou destinar a finalidade de instruir as crianças e jovens, pois em seus contos encontramos lições morais nos finais dos contos.

A função dos contos de fadas era, além de proporcionar o entretenimento para as famílias, com a característica de serem contados "aos pés" das lareiras, em tabernas, também possuíam aspectos educativos com finalidades morais e éticas.

Após cem anos, os irmãos Jacob (1785 - 1863) e Wilhelm Grimm (1786 - 1859) escreveram e reescreveram Contos de fadas e por meio de suas obras abrilhantaram o universo literário com suas produções. Os irmãos Grimm eram escritores, lingüistas, folcloristas e filólogos e vivam na Alemanha.

O período histórico em que viveram foi marcado por momentos importantes: valorização cultural, o surgimento do romantismo, o nacionalismo e a industrialização crescente e transformações no mercado e conquistas nas condições de vida e trabalho povo. Portanto, refletiu significativamente em suas obras.

Em 1812 foram publicados oitenta e seis narrativas dos irmãos Grimm, que continham uma nova versão da história da Chapeuzinho Vermelho onde é inserido o caçador e a possibilidade de salvamento da "vovó" e da menina do capuz vermelho. As narrativas fizeram muito sucesso e ao longo do século XIX foram traduzidas em diversas línguas estrangeiras.

Nas obras dos irmãos Grimm não se encontram lições morais como nas de Perrault (apesar de utilizarem os contos de fadas também publicados por ele), mas não deixaram de cumprir com a função educativa ética.

Destacamos abaixo a moral do conto: Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault (2010, p.82):

Vemos aqui que as meninas,
E sobretudo as mocinhas
Lindas, elegantes e finas,
Não devem a qualquer um escutar.
E se o fazem, não é surpresa
Que do lobo virem jantar.
Falo "do" lobo, pois em todos eles
São de fato equiparáveis.
Alguns são até muito amáveis,

Serenos, sem fel nem irritação.
Esses doces lobos, com toda educação,
Acompanharam as jovens senhoritas
Pelos becos afora e além do portão.
Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos,
São, entre todos, os mais perigosos.

Propunha a ideia de instrução moral, a sociedade passou por grandes transformações, a transição da Idade Média para a Contemporaneidade modificava o olhar para a criança, o infantil e a sociedade em si. A valorização da educação e o cuidado com o infantil começou a marcar os períodos que sucediam.

CAPÍTULO 2. OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTO DA ÉTICA E DA MORAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem à criança a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. BETTELHEIM (1980, p. 32).

2.1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA INFÂNCIA

A literatura infantil, especificamente os contos de fadas, proporciona para as crianças um momento de descoberta, aguçam a curiosidade estimulam o imaginário. A criança que é estimulada desde cedo a ouvir e ler histórias contribui para o desenvolvimento do vocabulário e posteriormente da leitura e da escrita.

A família tem papel importante aos incentivos, motivar e impulsionar a criança a adquirir o gosto pela leitura. O professor no processo de aprendizagem do aluno também é fundamental, pois sua postura e o modo como apresenta a literatura favorece para o interesse da criança.

Como já dito antes os contos de fadas de Perrault e dos Irmãos Grimm além do aspecto da diversão, também eram utilizados para educar eticamente a fim de indicar para o leitor cuidados com a conduta, comportamento perante a sociedade.

Nos dias atuais a escola pode utilizar como recurso os contos de fadas, tanto para o desenvolvimento cognitivo da criança, quanto usá-los na interface de

discussões sobre convivência, sociedade, bem como também na alfabetização. É um campo muito amplo no qual se podem empregar os contos de fadas como ferramenta para auxiliar na aprendizagem, sem deixar de perder o brilho, a "magia" e imaginário infantil.

A Educação Infantil é a primeira etapa do aluno diante dos próximos anos que seguem para solidificação da educação básica, portanto é imprescindível que o educador esteja preparado/ "carregado" de conhecimento sobre a literatura infantil, de modo a trabalhar com as crianças conceitos, valores essenciais para vida. A criança traz consigo mesmo desde cedo uma "bagagem" do convívio social e familiar fora da escola. Por meio da leitura a criança apropria-se dos sentimentos, emoções, culturas, informações entre outros elementos que contribuem para formação do conhecimento e caráter.

Segundo DeVries e Zan (1998, p. 35): "Algumas pessoas julgam que a escola não deveria se preocupar com a educação social e moral, mas deveria centrar-se no ensino de temas acadêmicos ou na promoção do desenvolvimento intelectual".

No contexto moral social, a educação e o educador são fundamentais nesse processo. Os contos de fadas trazem aspectos sobre o bem e o mal, trabalhar com as crianças este mérito é muito importante, pois na realidade vivenciamos os dois papéis, como Bettelheim (1980, p. 17) coloca: "As figuras nos contos de fadas não são ambivalentes - não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade. Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também domina os contos de fadas".

Desenvolver a leitura com as crianças observa-se com nitidez como elas reagem às personagens e tomam defesa por elas, torcendo por um final feliz, embora que na vida real não seja algo que sempre acontece.

Na questão do desenvolvimento social, moral e ético da criança podem ampliar a ética na educação infantil, por meio dos contos de fadas. Para DeVries e Zan (1998, p. 35): “Quando os professores dizem às crianças o que estas devem e o que não devem fazer, o que as crianças escutam é o que é bom ou mau, certo e errado”.

Os contos de fadas trazem a dualidade muito próxima das crianças, por exemplo, a história da Rapunzel, a mãe fica desejosa para comer rabanetes ao ver a horta no jardim da vizinha, a família sem provimentos financeiros para comprar rabanetes, e o receio de perder a esposa e o bebê, o pai toma uma atitude impensada. Ele vai até a horta e rouba os rabanetes da vizinha, de modo a saciar a vontade da esposa, certo ou errado? Pegar algo que não pertence a você?

Os contos abordam questões da condição humana relevantes para elaboração de conceitos e valores. Como define DeVries e Zan (1998, p. 37):

O educador que assume o papel de mediador no processo de aprendizagem, propõe espaços adequados para as crianças a fim de acontecer um bom momento de leitura, elabora rodas de conversas para atrair a atenção e observar suas percepções delas.

As crianças desde muito cedo absorvem e assimilam uma leitura de mundo, Abromovich (1993, p.16) esclarece: “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, dos pais ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais, e curtinhos, poemas sonoros e outros mais ...”.

Ao refletirmos sobre as possibilidades que o ato de contar e ouvir histórias reflete no imaginário infantil, podemos observar as formas como as crianças absorvem e vivenciam as emoções e embates vividos pelas personagens, os confrontos e as resoluções de problemas que são enfrentados por eles.

O educador no aspecto de "reprodutor" ou "narrador" das histórias, especificamente, os contos de fadas, necessita assumir uma posição de neutralidade, de forma a não influenciar o ouvinte. É imprescindível que o educador conheça o que ele irá narrar ou ler.

Abromovich (1993, p. 20) reflete:

O critério de seleção é do narrador [...] e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto.

O clima preparatório para a criança ouvir um conto é importante, pois ao ouvir uma história ela prepara o seu ouvir, pensar e refletir há um estímulo da imaginação.

A Educação Infantil é uma das fases da educação básica mais importante, pois muitos valores sociais e éticos são desenvolvidos, a convivência com outras pessoas além do ciclo familiar, trabalhar os sentimentos de frustração, partilha, respeito às diferenças, entre outros aspectos que são essenciais para a construção de caráter do sujeito.

2.2. O QUE É ÉTICA E MORAL? CONCEITOS PARA VIDA

Ser capaz de prestar atenção a si mesmo é pré-requisito para ter capacidade de prestar atenção aos outros; sentir-se bem consigo mesmo é a condição necessária para relacionar-se com os outros. (Erich Fromm)

Discorreremos o quanto a ética e a moral é importante para o convívio em sociedade, mas os conceitos de ambas são distintos, entretanto, estão sempre atreladas uma a outra.

Segundo VÁZQUEZ (2013, p.23): “A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento”.

Compreender o conceito de ética e sua reflexão na educação é necessário, pois faz parte da nossa construção social, afinal o estudo da ética é constituído por um amplo campo que reflete acerca dos atos humanos, os voluntários e conscientes que podem acometer ou influenciar outros indivíduos ou específicos grupos sociais.

A moral entende-se como um conjunto de normas e leis afim de regular as relações dos indivíduos numa comunidade social, dessa forma a moral é um objeto da ciência ética.

VÁSQUEZ (2013, p. 84) define a moral:

A moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um carácter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.

A partir do esclarecimento destes conceitos podemos estabelecer comparações entre a relação das crianças com a família, escola e propriamente o conhecimento/ aprendizagem.

Relacionando a ética e a moral na escola, especificamente, na educação infantil podemos destacar a forma como as crianças aprendem e se desenvolvem no processo da vida estudantil.

Aprender a limitar o que é permitido fazer e respeitar o limite do outro é algo que as crianças aprendem desde cedo e no início é difícil de entendimento.

DeVries e Zan (1998, p.40) discorrem:

As crianças pequenas podem ser descritas como realistas morais, porque seus julgamentos sobre certo e errado, bom e mau, estão baseados naquilo que lhe é observável ou “real”. Em primeiro lugar, as

crianças pequenas vêem as regras morais (e também outras regras) como imposições arbitrárias dos adultos. As regras morais parecem arbitrárias, quando as crianças não conseguem compreender suas razões. Isso resulta da limitação intelectual da criança pequena, incapaz de pensar além da “superfície observável” dos eventos.

Na educação infantil como meio de organização dos espaços, atividades e horários estabelecemos uma rotina. O educador que elabora uma rotina de forma inteligente, estabelece com seus alunos uma forma coerente e tranqüila de organização e normas. A rotina na educação infantil é fundamental para aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, porque auxilia na organização e atividades diárias de situações que acontecem na escola. Dessa forma, a rotina permite que as crianças criem uma noção de tempo. Como GUTIÉRREZ (APUD ARRIBAS, 2004, p.86) define:

Os contextos habituais e os rituais proporcionam um componente importantíssimo de constância e regularidade. Por isso são fundamentais tanto para vida escolar como para familiar. São esses contextos que permitem à criança lidar mentalmente com relações de tempo essenciais: o antes e o depois, o simultâneo, o sucessivo, o permanente, o esporádico.

A rotina amplia o repertório dos sujeitos, como também possibilita o educar de relações cognitivas e sociais, como a autonomia, relações com a higiene, alimentação, relação das ordens, entre outros.

O entendimento das crianças sobre a relação do tempo, a rotina, as regras são meios de desenvolver conceitos de moral, cidadania e ética, entretanto, devem ser cautelosa as formas de abordagem e comunicação para que a cultura, religião não sejam desrespeitadas.

Um dos momentos importantes da rotina é o espaço da leitura, pois desde cedo as crianças iniciam uma relação com a leitura. Os educadores ao selecionar bons títulos proporcionam para os pequenos a expansão do imaginário, do repertório, da escrita, entre tantos outros benefícios.

Ao ser alfabetizada a relação entre a criança e o livro muda, a descoberta de outras formas de escolhas o que se quer ler, descobrir novos gêneros, formas de manusear e até mesmo dizer o que gosta ou não de ler.

Especificamente a literatura dos contos de fadas possui uma estrutura básica de organização:

Os contos fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.) A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. (ABRAMOVICH, 1993, p. 120).

Portanto, os contos de fadas despertam fascínio nos leitores e perpetuam por séculos, pois tratam de temas populares, que contém elementos da condição

humana. Atualmente crianças, jovens e adultos admiram-se e param para ouvir um conto de fada, isso confirma a importância deste elemento da literatura infantil.

Citamos a escritora Ana Maria Machado (2002, p.70):

Várias histórias têm a estrutura de uma série de provas que devem ser vencidas pelo herói – muitas vezes perdido no bosque tendo que encontrar seu caminho, como faziam algumas sociedades com os adolescentes, para depois recebê-los no seio do mundo adulto. E a grande maioria delas acompanha um processo de afirmação individual, de alguém que começa fraco e indefeso como uma criança, dependendo totalmente da ajuda dos mais velhos, e vai aos poucos superando os obstáculos que encontra no caminho, revelando sua astúcia, sua bondade, suas qualidades morais positivas, até ser considerado apto a exercer o papel de alguém maduro na sociedade: constituir sua própria família, casando e sendo “feliz para sempre”.

O encantamento dos contos de fadas perpetua com sua simplicidade e prazer de ouvir e contar uma história. Perrault eternizou o conto de fadas Chapeuzinho Vermelho e posteriormente os Irmãos Grimm elaboraram uma nova versão que da mesma forma é conhecido mundialmente.

2.3. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO VYGOSTSKY

Os contos de fadas surgiram em um período no qual a concepção de infância não era conhecida, uma era medieval em que valores e conceitos de vida em sociedade eram diferentes do que vivemos hoje.

Portanto, quando as crianças começaram a ser notadas e vistas com um olhar diferenciado, as pesquisas acerca da infância e do desenvolvimento intelectual da criança foram iniciadas. Utilizaremos como referência a teoria ambientalista de Lev Semenovitch Vygotsky.

As pesquisas realizadas por Vygotsky observaram “que a criança constrói suas estruturas cognitivas a partir da influencia essencial das pessoas à sua volta” MIR (APUD ARRIBAS, 2004, p. 41).

Segundo Vygotsky o desenvolvimento acontece após a aprendizagem, pois estimulam processos evolutivos, assim é necessário o adulto auxiliar a criança no processo do desenvolvimento. De acordo com a sua teoria existem três conceitos básicos: Nível de desenvolvimento real, Nível de desenvolvimento potencial e a Zona de desenvolvimento proximal.

O primeiro nível é o de desenvolvimento atual que de acordo com MIR (APUD ARRIBAS, 2004, p. 41):

[...] o que cada criança é capaz de fazer em cada momento e sem nenhum tipo de ajuda. Quando aplicamos provas de maturidade ou testes para obter quocientes intelectuais, estamos medindo esse nível de desenvolvimento.

Trata-se, portanto, da compreensão do nível de desenvolvimento atual é a capacidade da criança de exercer atividades sozinhas é o nível de desenvolvimento já estabelecido.

O segundo nível é o de desenvolvimento potencial é conceituado pelo autor MIR (APUD ARRIBAS, 2004, p. 41): “O que cada criança é capaz de fazer se recebe ajuda, de maneira apropriada, de um adulto ou de outra criança”.

No ambiente escolar o educador é mediador nas relações entre o conhecimento e as relações sociais, um exemplo, são as orientações e sugestões que recebemos para realizarmos determinadas atividades.

E por fim a zona de desenvolvimento proximal que se refere à diferença entre o que a criança é capaz de realizar de forma autônoma o que realiza com a colaboração de outros de modo a alcançar novas descobertas e aprendizagem, resultando em possibilidades de desenvolvimento cognitivo da criança.

Conforme MIR (APUD ARRIBAS, 2004, p. 41) conceitua: “Zona de desenvolvimento proximal: situação ambiental criada pelo adulto ou por outras crianças que facilita a descoberta, a aprendizagem e, como consequência, o desenvolvimento cognitivo da criança”.

Vygotsky propõe também em sua teoria que a interação do indivíduo e a sociedade são fundamentais para o crescimento e aprendizagem, pois por meio da intervenção humana em modificar e transformar o meio para consentir suas necessidades humanas. Os processos de mudanças comportamentais e adaptações no ambiente possibilitam o ajuste do comportamento no futuro, porque criam probabilidades de desenvolvimento e maturidade do sujeito.

A partir do momento que a criança ingressa na escola pressupomos que parte de suas experiências anteriores e situações do cotidiano não existem.

Entretanto, a criança traz consigo suas vivências e experiências situações de convívio familiar e da comunidade em que vive. De acordo com VYGOSTKY

(APUD COLE, 2007, p.94) “[...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma historia prévia”.

Na escola as experiências que as crianças “carregam”, dispõem de um mundo repleto de novas aprendizagens e sensações que serão descobertas, assim a escolaridade da criança se dá de forma contínua.

3. CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES HISTÓRIAS

Qualquer que seja nossa idade, apenas uma estória que esteja conforme aos princípios subjacentes a nossos processos de pensamento nos convence. (Bettelheim, 1980).

Historicamente o famoso conto de fadas Chapeuzinho Vermelho, foi reconhecido e publicado em 1697 por Perrault³, a inspiração para esse conto surgiu da tradição oral de diversas histórias contadas pelos camponeses, podemos constatar em uma das versões antigas TATAR (2004, p.28):

Em "A história da avó", uma versão oral do conto registrada na França no final do século XIX, Chapeuzinho Vermelho faz um *striptease* diante do lobo, para depois terminar a ladainha de perguntas sobre as partes do corpo dele perguntando se pode ir lá fora para se aliviar. O lobo é passado para trás por Chapeuzinho Vermelho, que parece mais uma hábil trapaceira do que uma menina ingênua.

Diante dos fascínios da história Perrault eliminou os elementos extravagantes e imorais, reescrevendo uma versão em que a vovozinha e a Chapeuzinho Vermelho são devoradas pelo Lobo, outra característica marcante do conto é a moral da história, segundo CORSO⁴ (2006, p.53): "O texto de

³ Anexo 1: Versão de Perrault na íntegra.

⁴ CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. Fadas no Divã.

Perrault tem um caráter de fábula moral, ensina que quem transgride as regras se expõe ao perigo, é punido e fim de história”.

A versão de Perrault explicita a ideia de conscientizar moralmente os leitores e expõe claramente as intenções das personagens. O psicólogo Bettelheim critica a posição do autor, porque defende que os contos de fadas possuem múltiplos significados e que somente a criança pode determinar aquilo que é importante para ela no momento qual está em contato com o conto de fadas. Segundo Bettelheim (1980, p. 205):

À medida que cresce, a criança descobre novos aspectos destes contos bem conhecidas, e isto lhe dá a convicção de que realmente amadureceu em compreensão, já que a mesma estória agora revela tantas coisas novas para ela.

Contudo, a versão de Perrault proporcionou uma visão mais humana e delicada dos contos de fadas, suas obras foram publicadas em muitos países europeus e serviu de entusiasmo criador para os escritores Grimm⁵ que reelaboram a história da Chapeuzinho Vermelho, inseriram uma nova personagem: o caçador ou lenhador, o início dos contos são semelhantes, porém, incluíram novos elementos e mudaram o final da história.

Os Irmãos Grimm tornaram o conto com esta versão mundialmente conhecido e voltado para o público infantil. Nesta versão dos Grimm o caçador percebe algo de diferente:

⁵ Anexo 2: Versão dos Irmãos Grimm na íntegra.

E, tendo apaziguado a sua concupiscência, tornou a deitar-se na cama, adormeceu e começou a ressonar muito alto. O caçador estava mesmo a passar em frente da casa e pensou: "Como a velhota ressona! É melhor veres se há algo errado." Então entrou no quarto e, quando chegou à cama, viu o lobo lá estendido. "Aqui te encontro, velho pecador," disse ele, "há muito que te procuro!" Apontou a espingarda, mas então pensou que o lobo podia ter comido a avó e que ela ainda podia ser salva. Portanto, em vez de disparar, pegou numa tesoura e começou a cortar a barriga do lobo. Depois de ter feito um par de cortes viu Capuchinho Vermelho luzir; e após outros tantos cortes a moça saltou para fora, gritando: "Ah, como tive medo! Estava tão escuro dentro do lobo!" Depois a avó saiu, também viva mas quase incapaz de respirar. Entretanto, Capuchinho Vermelho depressa procurou grandes pedras com as quais encheram o lobo. Quando ele acordou quis fugir, mas as pedras eram tão pesadas que caiu subitamente e morreu.

A atitude do caçador encanta muitos leitores e narradores de histórias, pois o lobo tem um final "merecido" e a Chapeuzinho uma nova chance e aprender com seus "erros". Alguns valores também são transmitidos pela história, como solidariedade, amor ao próximo e confiança na vida.

A análise de Bettelheim (1980) sobre o conto relaciona questões da sexualidade, apresenta o processo que a criança atravessa da infância para a adolescência, a fase da inocência para a puberdade.

As figuras femininas são representadas primeiramente pela mãe que não aparece presente, entretanto, orienta a filha dos possíveis perigos que ela pode

encontrar na floresta, a vovozinha indefesa e doente que não possui forças para ajudar e a menina que vive situações paradoxais e não se atenta as orientações da mãe e é seduzida pelo lobo.

O lobo e o caçador são as figuras masculinas opostas, o lobo sedutor e devorador que come a vovó e a garota. O caçador/lenhador na figura de “herói” que as salva e mata o lobo e permite que a menina retorne à casa da mãe.

No desenvolvimento infantil as crianças ao ouvirem os contos de fadas permitem o uso do imaginário infantil e a percepção quanto ao próximo.

Todavia, o conto de fadas Chapeuzinho Vermelho apresenta questões sexuais, do consciente e inconsciente infantil, outros aspectos podem ser trabalhados, de acordo com Corso (2007, p.55) “A moral da história é tão breve quanto o conto: não deve ser desobediente e não se deve buscar nada com as pessoas más”.

Alguns contos de fadas ao serem lidos elucidam o leitor a refletir a propósito das ações das personagens e sobre o contexto da realidade. O educador por meio da leitura dos mesmos pode utilizar diversas estratégias com as crianças, a fim de estimular a reflexão e consciência das ações morais.

Após as publicações das obras de Perrault e dos Grimm outros autores recontaram e criaram novas versões e adaptações da história: Chapeuzinho Vermelho, Machado (2002)⁶ critica algumas adaptações, uma vez que valoriza as versões tradicionais e coloca-se de forma respeitosa e cautelosa quanto as modificações das obras:

⁶ Trecho mencionado do livro “Como e por que ler os Clássicos Universais desde Cedo” – Ana Maria Machado.

Cada texto e cada autor lidam com elementos diferentes nessa busca, e vão adequando formas de expressão e conteúdo de um jeito que mantém uma coerência interna profunda que lhe dão sentido. Mexer neles é alterar esse sentido. Muitas vezes, equivale a transformar a nova versão em alguma coisa esdrúxula, sem pé nem cabeça. (MACHADO. 2002, p. 75).

Durante a pesquisa para este trabalho, foi realizada a leitura de diversas obras a fim de analisar uma versão que não retirasse a essência dos contos de fadas clássico-tradicionais.

E a nova versão da história da Chapeuzinho Vermelho que chamou atenção diante da narrativa e a maneira que os autores exploram valores morais e sociais foi a obra “Chapeuzinhos Coloridos⁷” dos autores José Roberto Torero e Marcus Aurelis Pimenta.

A história apresenta elementos principais do conto tradicional Chapeuzinho Vermelho, mas com o diferencial de seis chapeuzinhos com histórias que “caminham” por distintos destinos.

As personagens são seis meninas, ambas possuem “capuzinhos” feitos pela avó, mas com seis cores diferentes: branco, verde, lilás, azul, cor de abóbora e preto e cada uma delas com personalidades e comportamentos adversos, que representam alguns duelos internos dos seres humanos. Sem deixar de convidar o leitor a deleitar-se na leitura a fim “devorar” o livro e descobrir o final de cada história.

⁷ Anexo 3 – Versão completa das histórias.

Os autores baseiam-se na versão dos Irmãos Grimm, que a menina leva doces para a vovozinha doente e ambas são engolidas pelo Lobo. E para a felicidade delas um caçador passa perto da casa e ouve os roncos do Lobo e percebe o que aconteceu e salva a Chapeuzinho e vovozinha e mata o Lobo.

A primeira personagem é a Chapeuzinho azul, a menina encontra o lobo no caminho e a conversa segue parecida com a versão clássica, entretanto, a Chapeuzinho azul chega na casa avó e elas comem um assado preparado pela vovozinha e a menina. O diálogo entre a menina e avó segue assim:

Chapeuzinho abriu a porta e foi até perto da cama. A Vovó estava embaixo das cobertas e usava uma touca enorme, de modo que só se podia ver uma pequena parte de sua casa.

Então a menina perguntou:

- Vovó, por que você tem orelhas tão grandes?
- São para ouvir melhor os lobos.
- E esses olhos grandes?
- São para ver os lobos de longe.
- E essas mãos tão grandes?
- São para pegar grandes pedaços de carne de lobo.
- E esse nariz tão grande?
- São para pegar grandes pedaços de carne de lobo.
- E esse nariz tão grande?
- É para sentir o cheiro dos lobos no forno.
- E essa boca tão grande?

- É para comer carne de lobo! – gritou a Vovó com alegria. E depois de dar uma grande gargalhada, ela falou: - Realmente, esse nosso plano nunca dá errado, não é, Chapeuzinho Azul. (TORERO, 2010, p.11).

Para a surpresa do leitor a Chapeuzinho Azul e a Vovozinha enganam os lobos e depois os comem assados, entretanto, o Caçador ouve os altos roncões da menina e da avó e ao chegar a casa percebe que elas haviam comido o Lobo e prende as duas, pois aquela espécie de lobo é protegida e está em extinção. E no final da história há uma lição moral, que não se deve matar os animais.

O educador pode desenvolver com as crianças a ideia e o conceito de verdade e mentira, respeito às leis e ao próximo, questões morais e sociais. Conseqüências que as pessoas sofrem ao desrespeitarem as regras/leis, o professor desenvolvendo um diálogo aberto e coerente pode trazer a consciência social desde cedo. Visto que nos educadores somos referencia para os alunos.

A segunda personagem é a Chapeuzinho cor de Abóbora, a mãe orienta a menina a levar os doces para Avó. No caminho da floresta encontra com o Lobo e a conversa segue de forma que o Lobo induz a menina a seguir o caminho mais longo por meio das árvores frutíferas, a personagem tem a característica de ser gulosa. O Lobo chega primeiro a casa da Vovó e a devora, logo em seguida a menina chega e o Lobo a engole também, mas ao tirar uma soneca roncava tão alto que o Caçador que passava por perto ouve e tentar salvá-las, porém o Lobo acorda e devora o Caçador.

Contudo, o Lobo ainda com fome come a torta que a menina tinha levado para Avó e ao terminar de comer ele explode e morre. E a lição moral é sobre a gula.

A terceira Chapeuzinho é a verde, essa possui a particularidade de ser mesquinha, não gosta de dividir nada. A Chapeuzinho e a Vovozinha também são devoradas pelo Lobo, no entanto, o Caçador ao perceber o que havia acontecido matou o Lobo, mas pede uma recompensa (dinheiro) para tirar a menina e a avó da barriga do bicho, desesperadas aceitam a proposta e acordam com o Caçador de pagá-lo. A moral da história que o dinheiro não é tudo.

Já a quarta personagem é a Chapeuzinho Branco, essa menina é triste e sozinha, ela encontra com o Lobo no caminho da floresta e engana a menina para ir por outro caminho, o Lobo por sua vez com intenção de comê-las segue a caminho da casa da Vovó. A característica das personagens dessa história é que ambas são solitárias.

Por sua vez, o Lobo comeu a Vovó, logo a menina chegou e começou a conversar com o bicho vestido de vovozinha, mas ela havia percebido que era o Lobo e disse que não importava se morresse, pois desde que seu pai havia morrido vivia triste e ambos começaram a chorar porque o Lobo era emotivo.

Por fim o Caçador apertou a barriga do Lobo para tirar a Vovó, a mãe de Chapeuzinho preocupada foi até lá e começaram a conversar: a mãe, a Vovó, a Chapeuzinho, o Lobo e o Caçador que discutiam sobre seus sentimentos de solidão, assim o Caçador casou com a mãe da Chapeuzinho, o Lobo virou animal de estimação e a Chapeuzinho ficou feliz por ter novamente sua família feliz.

A quinta Chapeuzinho Lilás essa gostava de ser famosa, de manter fama de “boa moça”, obediente a sua mãe leva revistas de fofocas para a Vovó, no caminho também encontra o Lobo que induz a menina a seguir outro caminho mais longo. O Lobo chega antes na casa da Vovó, mas tem uma crise de consciência e desiste de comer as duas, pouco tempo depois a Chapeuzinho chega à casa de sua Avó e lá as duas lêem e assistem programas de fofoca, o Lobo chega e observa as duas que caem no sono, entra dentro casa e dorme na cama com as duas. Porém o Lobo estava com fome e o ronco da sua barriga era muito alto, o Caçador ao ouvir o barulho vai até a casa e pensa que o Lobo ia comê-las e mata o animal. Assim o Caçador ficou famoso por matar o perigoso Lobo. A Vovó e a Chapeuzinho saíram no jornal.

A última personagem é a Chapeuzinho Preto, a menina obedecendo às orientações da mãe segue na floresta para levar jabuticabas para sua Vovó, no percorrer do caminho encontra o Lobo que a ilude seguir no caminho mais longo. O Lobo quando chegou comeu a Vovó, o animal sentou e esperou a Chapeuzinho chegar, ela demorou tanto tempo que já era uma mulher adulta e começou um diálogo com o Lobo que dizia ser o Lobo dos lobos, as pessoas o chamavam de tempo.

A Chapeuzinho e o Lobo caíram no sono, o Caçador que passava próximo da casa ouviu o barulho e viu que era o Lobo e tentou matá-lo, entretanto, não conseguiu, o Lobo disse nunca o venceria e que poderiam ser amigos enquanto o dia dele não chegava. Portanto, o Lobo foi embora, o Caçador percebeu que não podia vencer o animal e a Chapeuzinho aprendeu a lição de aproveitar cada momento da vida.

Esta versão adaptada do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho aborda alguns sentimentos vivenciados pelos seres humanos, alguns dilemas da vida cotidiana que determinam quais são os valores que queremos para nós.

As morais apresentadas colocam o leitor infantil e adulto a refletir a propósito de suas ações e escolhas, todas as decisões tomadas possuem conseqüências que podem ser positivas ou negativas. Além de abordar como na história da Chapeuzinho Azul respeito as leis e regras.

Segundo DeVries e Zan (1998, p.51):

Dependendo da natureza do ambiente sócio-moral geral da vida da criança, ela aprende de que forma o mundo das pessoas é seguro ou perigoso, carinhoso ou hostil, coercivo ou cooperativo, satisfatório ou insatisfatório.

O educador pode utilizar os contos de fadas como instrumento para desenvolver conceitos éticos, morais e cognitivos desde a Educação Infantil.

No aspecto moral é ético pode valer-se do estímulo ao pensamento crítico, conduzir a sala de aula de forma que aconteça a reflexão das crianças, propor leituras e rodas de discussão, afinal elas pensam e discutem sobre todo que acontece tanto na escola como fora dela, mas a forma de condução pode produzir mudança comportamental positiva.

No âmbito cognitivo no uso da alfabetização o educador pode sugerir um trabalho com a leitura de contos de fadas, versões adequadas à faixa etária do grupo; na educação infantil o professor juntamente com as crianças pode listar os

contos preferidos e afixar na parede, ler uma sequência de diferentes versões e/ou adaptações da mesma história, leituras em dupla e estimulá-los a identificar sílabas ou palavras conhecidas.

No processo da alfabetização outras ideias que podem ser trabalhadas são instigar o ato de contar e recontar uma história, propor uma reescrita coletiva do conto, analisar as personagens e relacionar as características principais e mais marcantes de cada, dentro de tantas outras atividades que são possíveis de instigar a criança a pensar e identificar-se com a leitura.

A oralidade, a leitura e a escrita são atividades integradas e complementares, sendo que o primeiro contato da criança com o texto se dá através da narração oral, independentemente de estar ou não vinculada ao livro. Mas, apesar de muitos contos terem chegado até nós pela escrita, sua sobrevivência na história deve-se à tradição oral. Através de uma série de rituais, os contos de fadas eram transmitidos e puderam, dessa forma, perpetuar durante séculos. O narrador transformava sua função em um cerimonial em que não só o que era transmitido importava, mas também a ritualização de sua transmissão. (RADINO⁸, 2001).

Os contos de fadas possuem um campo vasto por meio do qual o educador / professor pode desenvolver inúmeras propostas e permitir a meditação a respeito da vida em sociedade.

⁸ Artigo: "Oralidade, um estado de escritura"; Gloria Radino. 2001,p.2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000200010

As relações que as crianças estabelecem na escola, proporcionam a construção de valores e conceitos, para DeVries e Zan (1998, p.62):

Portanto, no curso das interações com companheiros, a criança vem a conhecer mais claramente a si mesma e aos outros. A conscientização das diferenças de intenções é sobremaneira importante para o desenvolvimento moral.

A escola faz parte importante nesse processo de formação de caráter do sujeito, cabe ao educador mediar e equilibrar às relações entre as crianças, entre si e com o conhecimento, proporcionando a boa integração e discussão a respeito das situações reais da vida, de acordo com Gleisy Vieira Campos⁹:

Desta forma, os contos de fadas oferecem à criança uma referência para elaborar os elementos que habitam seu imaginário, como seus medos, desejos, amores e ódios, que na sua imatura perspectiva concreta apresentam-se amedrontadores e insolúveis. Esse aprendizado é captado pela criança de uma forma intuitiva - por estarem os elementos sempre carregados de simbolismo – tornando-se muito mais abrangente do que seria possível se fosse feito pela compreensão meramente mecânica.

⁹ Artigo: Entre o estético e o moral, a imaginação e a realidade: a literatura dos contos de fadas, e seu caráter plurifuncional. Gleisy Vieira Campos. Mestranda do curso de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – MG

Portanto, os contos de fadas operam no desenvolvimento e no imaginário infantil de forma referencial por meio dos simbolismos lingüísticos e pelas identificações com as personagens e ou histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de elaboração do presente trabalho podemos constatar a importância dos Contos de Fadas no contexto histórico, perpetuando-se até os dias atuais na infância de muitas pessoas. Afinal quem não conhece um conto de fadas?

Durante a pesquisa também analisamos o conceito de infância e como gradativamente desenvolvemos o conceito que possuímos hoje de criança, a descoberta da infância e a necessidade de respeitarmos a criança como um ser que possui necessidades, adquire experiências e aprende com as relações estabelecidas com outros sujeitos.

E a partir das experiências trazidas pelas crianças destacamos os contos de fadas como um elemento importante que o educador pode utilizar para construção do caráter da criança. Pois o educador que busca selecionar leituras/ e contos de fadas que estimulem o imaginário infantil e dispõe propostas adequadas, pode desenvolver desde cedo o pensamento crítico da criança.

O conto de fadas quanto gênero literário permite o encantamento dos leitores, pois trata os dilemas da vida e permite a reflexão a respeito dos posicionamentos morais e éticos.

De acordo com a psicanálise os contos de fadas proporcionam a criança a compreensão de o seu lugar no mundo e na sociedade, a reflexão sobre sua própria essência, auxilia na conscientização de resolução de conflitos e a pensar a propósito de possíveis resoluções de problemas que as crianças vivem em áreas sociais, psicológicas, lúdicas e cognitivas.

Analisamos o famoso conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” nas versões tradicionais de Perrault conhecido como o pai da literatura infantil. Preocupou-se em elaborar um conto com o objetivo específico de instruir os leitores e proporcionar o prazer/ diverti-los ao mesmo tempo.

Já na versão dos Irmãos Grimm publicada mais de cem anos depois de Perrault ficou mundialmente conhecida por ser vista como versão voltada para o público infantil, incluindo um final diferente para a personagem principal.

Por fim realizamos a análise de uma nova adaptação do conto: “Chapeuzinhos Coloridos” na qual os autores Torero e Pimenta abordam por meio de suas personagens questões morais e dilemas claros do caráter humano. Em ambas as versões os autores tiveram a preocupação de incluir morais e conscientizar o leitor a respeito das suas decisões, pois todas as ações possuem conseqüências.

Por fim o estudo proporcionou o esclarecimento quanto à importância dos contos de fadas no contexto escolar e o posicionamento do educador que deve ser mediador do conhecimento e colaborador no processo de estimular a criança a meditar sobre suas ações individuais e coletivas e como elas podem refletir no convívio social.

O jogo interior que a criança vive ao ler/ ouvir um conto de fadas a faz pensar em possíveis soluções que regulam seu imaginário de modo a contemplar em seu comportamento.

Assim, os contos de fadas são parte da cultura universal, e continuarão durante muitos anos a oportunizar outras gerações com a beleza e a leveza que

de forma simples esse gênero literário deslumbra os leitores. A tradição oral enraizada nos contos de fadas nos traz o prazer de contar, ler e ouvir as histórias, dessa forma, repercutimos parte da nossa história, da nossa cultura e parte de nós mesmos ao próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. Fanny Abramovich. São Paulo: Fundamentos para o magistério, 1993.

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Philippe Áries: tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. Ricardo Azevedo. Disponível em [http:// www.ricardoazevedo.com.br](http://www.ricardoazevedo.com.br).

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Bruno Bettelheim, trad. Arlene Caetano. Paz e terra: Rio de Janeiro, 1980.

CALVINO, Italo. Sobre o Conto de Fadas. Italo Calvino. Editorial Teorema: Lisboa/Portugal.1999.

CAMPOS, Gleisy Vieira. Entre o estético e o moral, a imaginação e a realidade: a literatura dos contos de fadas, e seu caráter plurifuncional, 2011. Gleisy Vieira Campos. Dissertação de (Mestrado de Educação) Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais. Disponível em: http://apl.unisuam.edu.br/semioses/pdf/n8/n8_art_02.pdf.

DARNTON, Robert. O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa. Robert Darnton.Graal: São Paulo, 2011.

DEVREIS, Retha; ZAN, Betty. Ética na Educação Infantil.Retha DeVries; Betty Zan; trad. Dayse Batista. Artes Médicas: Porto Alegre, 1998.

Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm. Contos maravilhosos infantis e domésticos – 1812-1815. Jacob Grimm, Wilhelm Grimm. Tradução: Christine Röhrig. São Paulo: Cosaf Naify, 2012.

LICHETENSTEIN, Diana e CORSO, Mário. Fadas no divã. Diana Lichtenstein; Mário Corso. Porto Alegre: Artmed: 2006.

LLEIXÁ ARRIBAS, Teresa. Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar. Teresa Lleixá Arribas...[et al]; trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Ana Maria Machado. Objetiva: Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, Martha Kohl. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. Martha Kohl de Oliveira. Ed. Scipione: São Paulo, 1995.

PERRAULT. Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada. Ed. Zahar, Rio de Janeiro. 2004.

RADINO, Gloria. Oralidade, um estado de escritura. Scielo. Psicol. estud. 6(2): 73-79, ND. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?scrip+sci_arttext&pid+s141382712008000200013&lang+pt.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. Chapeuzinhos Coloridos. José Roberto Toreto; Marcus Aurelius Pimenta. Objetiva: Rio de Janeiro, 2010.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. Adolfo Sáchez Vásquez; tradução de João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2013.

Anexos

1. Versão do Conto de Fadas: Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault

Era uma vez uma pequena aldeã a menina mais bonita que poderia ver sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda. Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. E ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, que assava uns bolinhos, lhe disse: “Vá visitar sua avó para ver como ela esta, passando, pois me disseram que esta doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga”.

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para casa da avó, que morava em uma outra aldeia. Ao passar por um bosque encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia a pobre menina, que não sabia que era perigoso parar e dar ouvidos a um lobo, respondeu: “ Vou visitar minha avó e levar para ela um bolinho com um potinho de manteiga que minha mãe está mandando”. “Sua avó mora muito longe?” Perguntou o lobo.

“Ah! Mora sim”, respondeu Chapeuzinho Vermelho. “Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia”. “Ótimo!” disse o lobo. “Vou visitá-la também. Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro.” O lobo pôs se correr o mais que podia pelo caminho mais curto, e a menina seguiu pelo caminho mais longo, entretendo-se em catar

castanhas, correr atrás das borboletas e buquês com as flores que encontrava. O lobo não demorou muito para chegar a casa da avó. Bateu ... TOC TOC TOC “Quem está aí?”. “É a sua neta Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo, disfarçando a voz. “Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.”

A boa avó, que estava de cama por andar adoentada, gritou: “Puxe a lingüeta e o ferrolho se abrirá.”

O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia depois fechou a porta e foi se deitar na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho, que pouco tempo depois bateu a porta. TOC TOC TOC “Quem está aí?” ouvindo a voz grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro teve medo, mas pensando que a avó estava gripada, respondeu: “ É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que a minha mãe mandou.”

O lobo gritou de volta, adoçando um pouco a voz: “Puxe a lingüeta e o ferrolho se abrirá”.

Chapeuzinho Vermelho puxou a lingueta e a porta se abriu. O lobo, vendo – a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo das cobertas:

“Põe o bolo e o potinho de manteiga em cima da arca, e venha se deitar comigo.”

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela: “Minha avó que braços grandes você tem!”

“É para abraçar você melhor, minha neta.”

“Minha avó, que pernas grandes você tem!”

“É para correr melhor, minha filha.”

“Minha avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para escutar melhor, minha filha.”

“Minha avó, que olhos grandes você tem!”

“Minha avó, que dentes grandes você tem!”

“É para comer você!”

E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima da Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

Moral

Vemos aqui que as meninas,

E sobretudo as mocinhas

Lindas, elegantes e finas,

Não devem a qualquer um escutar.

E se o fazem, não é surpresa

Que do lobo virem jantar.

Falo "do" lobo, pois em todos eles

São de fato equiparáveis.

Alguns são até muito amáveis,

Serenos, sem fel nem irritação.

Esses doces lobos, com toda educação,

Acompanharam as jovens senhoritas

Pelos becos afora e além do portão.

Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos,

São, entre todos, os mais perigosos.

2. Versão do Conto de Fadas: Chapeuzinho Vermelho de Jacob e Wilhelm Grimm

Era uma vez uma menina que era querida por todos – bastava olhar para ela para gostar dela. Mas quem mais a amava era sua avó, que fazia de tudo para lhe agradar. Um dia, a avó deu a ela um chapeuzinho de veludo vermelho, e a menina gostou tanto que nunca mais quis usar outro, e por isso foi apelidada de Chapeuzinho Vermelho. Certa vez, a mãe disse a ela: “Pegue esta fatia de bolo e a garrafa de vinho e mande lembranças a ela. Ande direitinho e não desvie do caminho, senão você vai cair e quebrar a garrafa e sua avó ficará sem nada”.

Chapeuzinho prometeu fazer tudo como a mãe mandou. Acontece que avó morava na floresta, a meia hora de distância do vilarejo. Ao chegar à floresta, Chapeuzinho encontrou o lobo, mas não tinha ideia de que se tratava de um animal perigoso e não teve medo. “Para onde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?”. “Bom dia, lobo!”. “O que está levando em seu avental?” “A vovó está doente e fraca, então vou levar para ela um bolo que fizemos ontem e vinho. Isso deve deixá-la mais forte.” “Chapeuzinho, onde mora a sua avó?” “A uns quinze minutos daqui. A casa fica embaixo dos três carvalhos, e em volta há arbustos, você logo vai reconhecer”, respondeu Chapeuzinho. O lobo pensou: “Esse é um delicioso bocado para mim. O que você vai fazer conseguiu-lo?”. Então, disse para Chapeuzinho: “Olhe aqui, Chapeuzinho, você não viu as lindas flores que existem na floresta. Por que não dá uma olhada por aí? Acho que você nem está ouvindo

o lindo canto dos passarinhos. Está andando como se estivesse na vila indo para a escola. É tão divertido passear pela floresta”.

Chapeuzinho levantou os olhos e, quando viu os raios de sol atravessando as árvores e as lindas flores que cresciam por todo lado, pensou: “E se eu levasse um ramalhete de flores para minha avó?”. Assim, entrou na floresta e se pôs a colher flores. E, sempre que colhia uma, logo via outra mais bonita logo adiante, e assim, de flor em flor, foi entrando cada vez mais fundo na mata. O lobo, por sua vez, correu diretamente para a casa da avó e bateu na porta. “Quem é?” “Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo bolo e vinho para você. Abra a porta.” “É só virar a maçaneta”, respondeu a avó, “estou tão fraca que não consigo levantar.” O lobo girou a maçaneta e a porta se abriu. Então ele entrou, foi direto até a cama e devorou a avó. Depois vestiu as roupas dela, colocou a touca na cabeça, deitou-se na cama e fechou o cortinado.

Chapeuzinho andou por muito tempo colhendo flores e só parou quando não cabia mais nenhuma em suas mãos. Depois foi para a casa da avó. Estranhou que a porta estivesse aberta e quando entrou achou tudo muito esquisito que pensou: “Ai meu Deus, por que estou com essa sensação estranha de medo? Eu sempre gosto tanto de estar na casa da vovó”. Então foi até a cama, abriu o cortinado e lá estava a avó com a touca enfiada na cabeça, cobrindo o rosto, com um aspecto estranho. “Oi, vovó! Mas que orelhas grandes você tem!” “É para te ouvir melhor.” “Vovó, mas que olhos grandes você tem!” “É para te ver melhor.” “Vovó, mas que mãos grandes você tem.” “É para te agarrar melhor!” “Mas, vovó, que terrível boca enorme é essa?” “É para te comer melhor.” “É para te comer melhor.” E com isso o lobo saltou a cama, pulou sobre a pobre Chapeuzinho Vermelho e a engoliu.

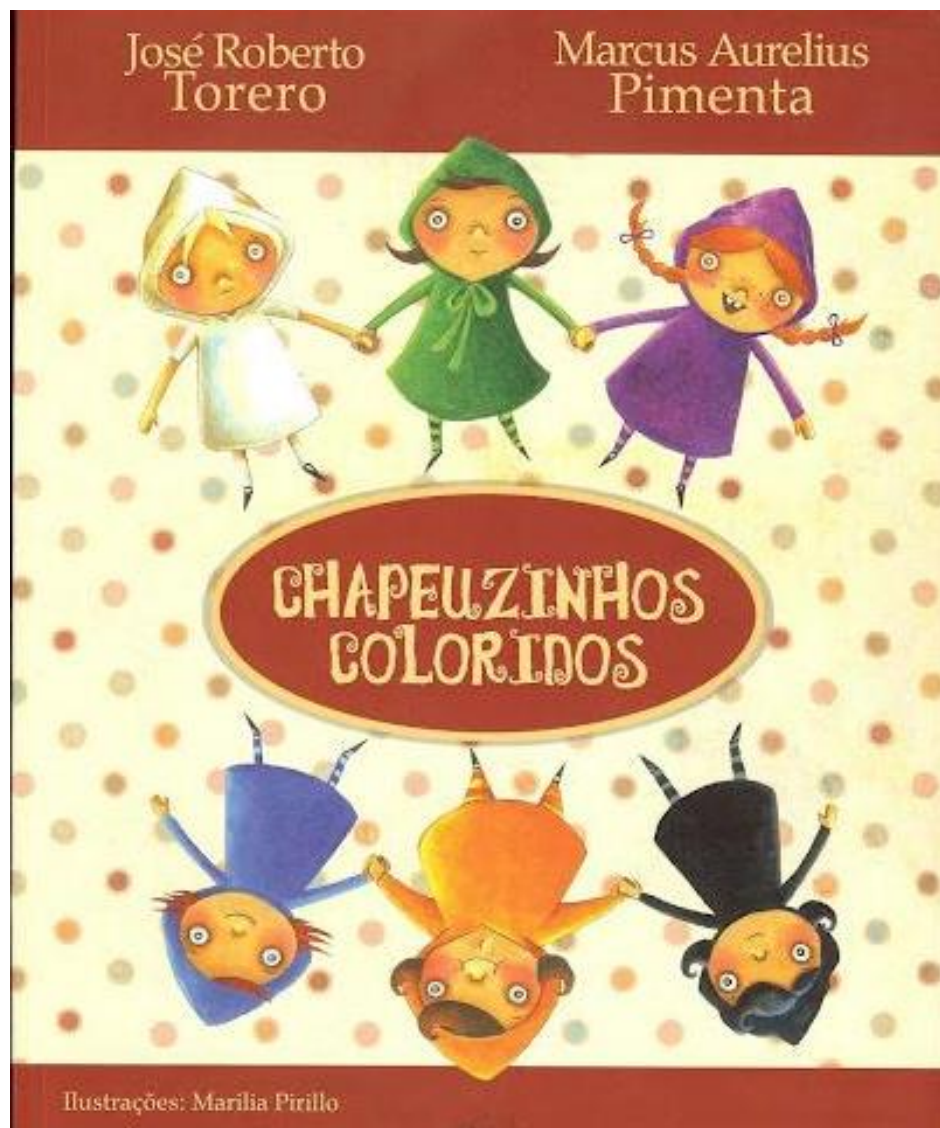
Depois de ter saciado o apetite, o lobo voltou para a cama, adormeceu e começou a roncar, fazendo um barulho fenomenal. Um caçador, que naquele momento estava passando em frente à casa, ouviu o barulho e pensou: “Como pode uma velhinha roncar desse jeito? Melhor verificar”. Então ele entrou na casa e, ao chegar à cama, deparou-se com o lobo, a quem procurava havia tempo. Ele devia ter comido a avó, pensou, e talvez ainda seja possível salvá-la, por isso é melhor não atirar. Então, buscou a tesoura e cortou a barriga do lobo. Assim que deu os primeiros cortes, avistou o chapeuzinho vermelho brilhando, e, depois de mais uns cortes a menina saltou para fora dizendo: “Nossa, que susto. Estava tão escuro na barriga do lobo”. Logo depois, a avó também saiu com vida. Chapeuzinho correu para buscar pedras bem pesadas, que eles colocaram a barriga do lobo, e, quando ele acordou e quis ir embora, as pedras pesaram tanto que acabou caindo morto.

Os três ficaram muito felizes. O caçador tirou a pele do lobo, a avó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho levara e Chapeuzinho Vermelho, que estava feliz por ter escapado, prometeu a si mesma: “De agora em diante, não vou mais sair do caminho nem entrar na floresta sozinha, quando a minha mãe não deixar”.

Também se conta que, quando Chapeuzinho Vermelho foi novamente levar o bolo para a avó, outro lobo falou com ela e tentou fazer com que se desviasse do caminho. Mas Chapeuzinho Vermelho se cuidou, seguiu seu caminho sem se desviar e contou à avó que havia encontrado um lobo, que ele a havia cumprimentado, mas que olhara para ela com olhos malvado. “Se eu não estivesse na estrada aberta, ele teria me devorado.” “Venha”, disse a avó, “vamos trancar a casa para que ele não possa entrar.” Não demorou para que o lobo

chegasse e batesse na porta, chamando: “Abra, vovó, é Chapeuzinho Vermelho, eu trouxe bolo”. As duas ficaram bem quietas e não abriram a porta. Enfurecido, o lobo rondou a casa muitas vezes e finalmente saltou no telhado pensando em esperar até que Chapeuzinho Vermelho voltasse para casa à noite para devorá-la na escuridão. Mas a avó percebeu a intenção dele. Diante da casa, havia um grande cocho de pedra e La disse á neta: “Vá buscar o balde, Chapeuzinho Vermelho. Ontem cozinhei salsichas. Jogue a água na qual eu cozinhei as salsichas no cocho. O lobo sentiu o cheiro das salsichas e espichou tanto o pescoço atrás do cheiro que perdeu o equilíbrio, começou a escorregar do telhado e acabou caindo no cocho e se afogando. Chapeuzinho Vermelho voltou alegre e confiante para casa.

3. Versão moderna do Conto de Fadas Chapeuzinho Coloridos de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta.



CHAPEUZINHO AZUL

Era uma vez, numa pequena vila perto de uma pequena floresta, uma menina de olhos cor do céu. Todo mundo gostava dela e sua vó mais ainda, tanto que decidiu fazer uma capinha com capuz para ela. Essa roupa era de vestido azul e a menina não tirava nunca, nem quando brincava de teatrinho no quintal. Por causa disso, todo mundo da vila a chamava de Chapeuzinho Azul.

Um dia, sua mãe chamou e disse:

- Chapeuzinho, leve essa torta de amoras para a sua avó, como você sempre faz.

- Pode deixar, mamãe, eu vou levar a torta.

- E tome cuidado, ouviu? Vá direto para a casa da sua avó e não saia do caminho, porque a floresta é penhosa.

Então a menina colocou a torta de amoras na cesta, deu um beijo em sua mãe e partiu.



Chapeuzinho entrou na floresta. A cada passo o caminho ficava mais estreito e a mata ficava mais escura. Até que, de repente, o lobo saiu de trás de uma moita e disse:

- Bom dia, menina do chapeuzinho azul. O que você leva nessa cesta?

- Uma torta de amoras.

- Para mim?

- Não, senhor. Estou levando essas coisas para a minha frágil e indefesa avó, que vive lá no meio da floresta.

Então o lobo pensou: "Chapeuzinho Azul é bem bobinha. Vou comer sua avó, depois ela, e ainda vou pegar essa torta de amoras de sobremesa." Mas ele não podia devorar a menina ali, porque um caçador poderia escutar os seus gritos.

Foi quando teve uma idéia e disse:

- Está vendo aquela trilha? Por que você não vai por ali e pega um monte de flores azuis para sua avó? Aposto que ela vai gostar.

- Que boa idéia. Vou fazer isso mesmo! Ah, se todas as pessoas fossem gentis como o senhor...

Assim, Chapeuzinho pegou o outro caminho e saiu catando flores alegremente. Enquanto isso, o lobo foi pelo caminho mais curto até a casa da Vovó.

Quando o lobo chegou, bateu na porta:

- Pou, pou, pou.

- Quem é? - perguntou a velhinha lá de dentro.

- Sou eu, sua netinha - falou o lobo disfarçando a voz - Vim trazer uma torta de amoras para a senhora. Abra a porta, Vovó.

A Vovó então se levantou, pegou uma espingarda e abriu a porta. Quando viu que era o lobo quem estava lá, nem pensou, puxou o gatinho e bang, deu um tiro no peito dele. Depois disso, a Vovó pôs o bicho para assar no forno e deitou-se para esperar Chapeuzinho.

A menina vinha bem devagar pela mata, colhendo flores, escutando os pássaros, brincando com esquilos, bebendo água das fontes e cantando sua música:

"Pela estrada a fora,
Eu vou sozinha.
Tão desprotegida,
Ai de mim, tadinha"



Finalmente, quando ela chegou à casa da avó, bateu na porta:

- Pou, pou, pou.
- Quem é? - perguntou a Vovó.
- Sou eu, sua netinha. Posso entrar?
- Entre, querida, eu não via a hora de você chegar.

Chapeuzinho abriu a porta e foi até perto da cama. A Vovó estava embaixo das cobertas e usava uma touca enorme, de modo que só se podia ver uma pequena parte de seu rosto.

Então a menina perguntou:



- Vovó, por que você tem orelhas tão grandes?
- São para ouvir melhor os lobos.
- E esses olhos tão grandes?
- São para ver os lobos de longe.
- E essas mãos tão grandes?
- São para pegar grandes pedaços de carne de lobo.
- E esse nariz tão grande?
- É para sentir o cheiro dos lobos no fôlego.
- E essa boca tão grande?
- É para comer carne de lobo – gritou a Vovó com alegria. E depois de dar uma grande gargalhada, ela falou: - Realmente, esse nosso plano nunca dá errado, não é, Chapeuzinho Azul?
- É verdade, Vovó. Os lobos sempre caem no nosso truque. E aí as duas foram até o fogão, tiraram a travessa do fôlego e comeram o lobo de uma só vez.

Depois disso, elas foram tirar uma sonequinha. Como estavam com a barriga muito cheia, logo começaram a roncar bem alto. Tão alto que um caçador que estava andando por ali escutou aquele barulho, pensou que alguém estivesse passando mal e resolveu dar uma olhada.

Quando abriu a porta e viu aqueles restos de comida nos pratos, o caçador ficou com muita raiva. Ele não imaginava que viria o lobo em pedaços, comido por aquelas duas.

Então ele apontou a espingarda para elas e disse:

- Vocês estão com pressa!
- Nós? Por que, senhor caçador?
- Esse lobo é de uma espécie que está desaparecendo da floresta. E sabe por que eles estão desaparecendo? Porque vocês andam comendo os coitados.

Aí ele pegou as algemas, prendeu as duas e as levou para a delegacia.

No dia seguinte, a mãe de Chapeuzinho foi até a delegacia e pagou a fiança para liberar sua filha e sua mãe.

E assim, com exceção do Lobo, todos ficaram felizes para sempre:

O caçador porque ajudou a proteger uma espécie rara: o lobo.

A Vovó que saiu da cadeia.

E Chapeuzinho Azul porque aprendeu uma lição:

“Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção.”



CHAPEUZINHO COR DE ABÓBORA

Era uma vez uma menina gordinha, de grandes bochechas. Todo mundo gostava muito da menina, e a vó dela mais ainda, tanto que fez uma capinha com capuz para ela. A roupa era cor de abóbora, bem escandalosa mesmo, e a menina usava o tempo todo. Por causa disso, as pessoas puseram um apelido nela: Chapeuzinho cor de abóbora.

Então um dia, a mãe da menina chamou-a e disse:

- Chapeuzinho, leve essa torta de abóbora com cobertura de chantili e uma cereja em cima para a sua avó, que vive lá no meio da floresta. Ela está muito magrinha e isso vai fazê-la sentir melhor.

- Pode deixar mamãe – disse a Chapeuzinho lambendo os beiços, porque ela adorava comer.
- E tome cuidado. Não saia do caminho porque a floresta é muito perigosa – completou a mãe.

Então Chapeuzinho colocou a torta numa cesta, deu um beijo na mãe e partiu. No caminho, ela cantava assim:

“Almocei agora.
Mas já estou com fome.
Pena que esse doce
É para a vovozinha.”



Chapeuzinho foi indo pela estrada até que, de repente, o lobo saiu de trás de uma moita.

- Bom dia, menina do chapeuzinho cor de abóbora.
- Bom dia, senhor.
- O que você está trazendo nessa cesta?
- Uma torta de abóbora com cobertura de chantili e uma cereja em cima.
- Para mim?
- Não. E nem para mim, infelizmente. Estou levando essas coisas para a minha avó, que vive lá no meio da floresta.

Então o lobo pensou: “Estou com tanta fome que podia comer essa menina como tira gosto, sua avó como prato principal e a torta como sobremesa.” Mas ele não podia comer Chapeuzinho ali, pois algum caçador podia ouvir os gritos.

Foi quando o lobo teve uma idéia e disse:

- Esta vendo aquela trilha? Ela também vai até a casa da sua avó. É um pouco mais comprida, mas esta cheia de jaboticabeiras, macieiras, pereiras, figueiras, bananeiras, abacateiros, ameixeiras e manguzeiras. Por que você não vai por ali?

- Que apetitosa idéia, senhor, vou fazer isso mesmo.
- Assim, Chapeuzinho pegou o outro caminho e foi catando frutas pela trilha. Enquanto isso, o lobo foi pelo caminho mais curto até a casa da avó. Quando chegou, bateu na porta:

- Pou, pou, pou.
- Quem bate? - perguntou a velhinha.
- Sou eu, sua netinha. Falou o lobo imitando a voz da Chapeuzinho (ele era bom em imitar vozes). - Vim trazer uma torta para a senhora.

A Vovó levantou bem contente e abriu a porta, mas então o lobo pulou sobre ela e engoliu a pobre velhinha de uma vez. Nhoc!

Depois disso, ele deu um tremendo arrotto, uorcl, vestiu as roupas da Vovó e deitou-se na cama para esperar Chapeuzinho.



Quando a menina chegou à casa da avó e bateu na porta, o lobo falou lá de dentro, imitando a voz da velhinha (eu já disse que ele era bom nisso?):

- Quem bate?
- Sou eu, vovó, Chapeuzinho cor de abóbora.
- Pode entrar, minha querida, eu não via à hora de você chegar!

Chapeuzinho abriu a porta e foi até a cama da avó. O lobo estava embaixo das cobertas e usando a touca da velhinha, de modo que não se podia ver sua cara direito.

A menina então perguntou:

- Vovó, por que você tem orelhas tão grandes?
- São para escutar quando o leiteiro passa.
- E esses olhos tão grandes?
- São para ver os bolos crescerem.
- E essas mãos tão grandes?
- São para segurar melancias e jacas.
- E esse nariz tão grande?
- É para sentir o cheiro do pão quentinho.
- E essa boca tão grande?
- Essa é para te comer mesmo! – gritou o lobo. E, dizendo isso, saltou sobre a menina e a engoliu de uma só vez. Nhoc!



Depois, o lobo voltou para casa e foi tirar uma sonequinha. Mas como estava com a barriga muito cheia, começou a roncar bem alto. Tão alto que um caçador escutou aquele barulho e resolveu dar uma olhada.

Quando abriu a porta e viu o lobo dormindo com as roupas da Vovó, o caçador ficou de boca aberta!

Então ele colocou balas em sua espingarda, apontou para o lobo e... e não fez nada.

Não fez nada porque pensou que a Vovó ainda poderia estar viva dentro da barriga do lobo.

Ai ele pegou uma grande tesoura e, quando estava quase começando a cortar a barriga do lobo, o lobo acordou e... nhoc!, engoliu o caçador de uma só vez.

O pior é que, depois de comer o caçador, o lobo disse:

- O caçador era muito salgado. Isso me deu uma vontade de comer um docinho. Já sei. Posso comer a torta que a menina trouxe para a avó.

Então ele comeu a torta de abóbora com cobertura de chantili. E, quando viu que tinha esquecido de comer a cereja, pensou: "Acho que ainda cabe alguma coisinha..."

Ai o lobo pegou a cereja e comeu. Mas ele já estava com a barriga tão cheia, mas tão cheia, mas tão cheia, que... BUM! O guloso acabou explodindo e morreu.

E assim, todos ficaram em pedaços para sempre:

O caçador que ia comer o lobo.

A Vovó que iria comer a supertorta.

E a Chapeuzinho Cor de Abóbora que, se tivesse continuado viva, teria aprendido uma lição:

"Nunca se deve comer a última cereijinha."

CHAPEUZINHO VERDE

Era uma vez, numa pequena vila perto de uma verdejante floresta, uma menina olhos cor de esmeralda. Todos gostavam muito dela, e sua avó mais ainda, tanto que lhe deu de presente uma capinha com capuz. A roupa era verde e a menina ia com ela para tudo que é lugar. Por causa disso, as pessoas começaram a chamá-la de Chapeuzinho verde.

Tudo ia calmo e tranquilo até que um dia sua mãe disse:

- Chapeuzinho, leve essa torta de limão para a sua avó, que vive lá no meio da floresta. Ela é muito avarenta para comprar docinho e, se a gente não manda uma coisinha de vez em quando, ela vai acabar magra feito palito.

- Pode deixar, mamãe, vou levar a torta para a Vovó.

A senhora vai me dar dinheiro para o ônibus?

- Mas para lá não tem ônibus!

- Ah é, esqueci. Então me dá dinheiro para a sola de sapato?

- Nunca vi menina gostar tanto assim de dinheiro! É igualzinha à sua avó. Ta bom, pega. Mas tome muito cuidado. Não saia do caminho porque a floresta é perigosa.

Então a menina colocou a torta de limão numa cesta, deu um beijo na mãe e partiu.

No caminho, ela cantava assim:

“Pela estrada afora,
Eu vou tão mesquinha.
E pedirei mais grana
Para a vovozinha.”



Chapeuzinho entrou pela floresta e foi andando, andando, até que, de repente, o lobo saiu de trás de uma moita.

- Bom dia, menina do chapeuzinho verde.

- Bom dia, senhor.

- O que você leva nessa cesta?

- Uma torta de limão.

- Para mim?

- Só se o senhor tiver dinheiro para comprá-la.

- Não tenho nem um centavo.

- Então vou levá-la para a minha avó que vive na casa verde lá no meio da floresta.

Ai o lobo pensou: “Todo mundo fala que a velhinha da casa verde tem um monte de jóias.

Acho que vou comer a avó, a menina e ainda vou roubar as jóias.”

Mas ele não podia atacar Chapeuzinho ali, no meio do caminho, pois algum caçador que estivesse por perto poderia escutar os gritos da menina.

Foi quando o lobo teve uma idéia e disse:

- Esta vendo aquela trilha? Ela também vai até a casa da sua avó.

É um pouco mais comprida, mas tem uma fonte onde as pessoas jogam moedas.

Por que você não vai por ali e pega umas para você?

- Que boa idéia! Vou fazer isso mesmo!

Assim, Chapeuzinho pegou o outro caminho, ficou catando moedinhas

e nem viu o tempo passar.

Enquanto isso, o lobo foi pelo caminho mais curto até a casa da avó.

Quando chegou, bateu na porta:

- Toc, toc, toc.

- Quem é? - perguntou a velhinha lá de dentro.

- Sou eu, sua netinha, vim trazer uma torta de limão para a senhora - falou o lobo disfarçando a voz.



A Vovó levantou-se, viu se seu cofre estava bem trancado (ela a chave que a neta estava de olho nas suas jóias) e abriu a porta. Quando fez isso, nem teve tempo de abrir a boca de espanto, por que o lobo pulou sobre ela e devorou-a de um só bocado. Glupt!

Depois pensou em roubar as jóias da Vovó, mas, como precisava fazer a digestão, deitou-se para esperar Chapeuzinho.

Finalmente, quando ela chegou à casa da avó, bateu na porta:

- Toc, toc, toc.
- Quem bate? - perguntou o lobo imitando a voz da Vovó.
- Sou eu, sua netinha
- Entre, minha querida, eu não via a hora de você chegar.

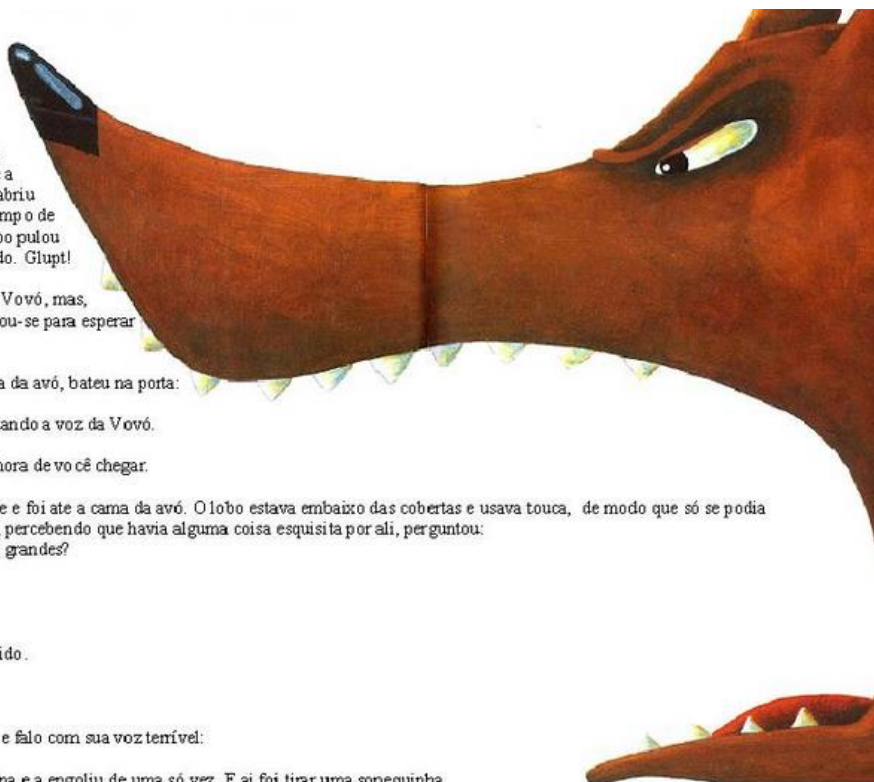
Chapeuzinho abriu a porta lentamente e foi até a cama da avó. O lobo estava embaixo das cobertas e usava touca, de modo que só se podia ver um pouco da sua cara. A menina, percebendo que havia alguma coisa esquisita por ali, perguntou:

- Vovó, por que você tem orelhas tão grandes?
- Para ouvir o tilintar das moedas.
- E esses olhos tão grandes?
- São para ver os extratos no banco.
- E essas mãos tão grandes?
- São para contar o dinheiro mais rápido.
- E esse nariz tão grande?
- É para sentir o cheiro das notas.
- E essa boca tão grande?

Então o lobo parou de imitar a Vovó e falou com sua voz temível:

- Essa é para te comer!

Depois disso, ele saltou sobre a menina e a engoliu de uma só vez. E aí foi tirar uma sonequinha.



Como estava com a barriga muito cheia, logo começou a roncar bem alto. Tão alto que um caçador escutou aquele barulho e resolveu dar uma olhada.

Quando abriu a porta viu o lobo dormindo com aquele barrigão, o caçador pensou: "Puxa vida, esse lobo é de uma raça bem rara! Se eu tirar a pele dele, poderei vendê-la e ficar rico."

Então o caçador colocou balas em sua espingarda, apontou para o lobo e, CABUM!, matou o bicho.

Depois, quando estava abrindo sua barriga com cuidado para não estragar a pele, viu que Chapeuzinho verde e sua avó estavam lá dentro. Como não é todo dia que aparecem oportunidades de se ganhar algum dinheiro extra, o caçador disse:

- Olha, eu posso tirar vocês duas daí, mas isso vai me tomar muitas horas, então, antes de começar, eu queria saber se vocês poderiam me pagar por esse trabalho.
- Pode pegar as minhas jóias que estão no cofre - disse a Vovó.
- E eu tenho as moedinhas que apanhei pelo caminho - falou Chapeuzinho.

Então o caçador pegou as jóias, as moedinhas e tirou as duas de dentro da barriga do lobo.

E a moral dessa história é: "O dinheiro não traz felicidade e atrai um monte de malandros."



CHAPEUZINHO BRANCO

Era uma vez, numa pequena vila perto de uma triste floresta, uma menina de olhos e cabelos bem claros.

Todos gostavam muito dela, e sua avó mais ainda, de modo que decidiu-lhe fazer uma capinha com capuz. A roupa era de veludo branco, e a menina estava sempre com ela, fosse para brincar ou para limpar a lápide de seu pai, que havia morrido recentemente. Por conta de seu capuz, todos na vila começaram a chamá-la de Chapeuzinho Branco.

Um dia, sua mãe disse:

- Chapeuzinho, leve esses suspiros para a sua avó, que vive lá no meio da floresta. Ela está sempre sozinha, nunca ninguém vai visitá-la e isso vai fazer com que Lea se sinta melhor.

- Pode deixar, mamãe, vou levar essas coisas para a minha solitária vovozinha.

Então a menina colocou os suspiros numa cesta, deu um beijo na mãe e partiu.

No caminho ela cantava assim:

“Pela estrada a fora,
Eu vou tão tristinha.
Não tenho mais pai
Sou uma orfãzinha.”



Chapeuzinho foi entrando pela floresta até que, de repente, o lobo saiu de trás da moita.

- Bom dia, menina do chapeuzinho branco.

- Bom dia, senhor.

- O que você está trazendo nessa cesta?

- Uns suspiros.

- Para mim?

- Não, sinto muito. Estou levando essas coisas para a minha avó, que vive lá no meio da floresta.

Então o lobo pensou: “Ah, como é dura a vida de um lobo solitário... estou tão sozinho que, só para passar o tempo, sou capaz de comer a avó dessa menina, a menina e os suspiros de sobremesa.”

Então o lobo teve uma idéia e disse:

- Está vendo aquela trilha? Também vai até a casa de sua avó. É um pouco mais comprida, mas tem um monte de crianças brincando por lá. Por que você não segue por ali?

- Que grande idéia, senhor. Vou fazer isso mesmo!

Assim, Chapeuzinho pegou o outro caminho. Só que lá não havia meninas e nem merzinhos. Ela olhou atrás das moitas, em cima das árvores, mas não viu ninguém. Enquanto isso, o lobo foi pelo caminho mais curto até a casa da avó. Quando chegou, bateu na porta:

- Pleuque, pleuque, pleuque.

- Quem bate? – perguntou a velhinha á de dentro.

- Sou eu, sua netinha – falou o lobo disfarçando a voz – vim trazer uns suspiros para a senhora.

A Vovó então levantou-se, calçou suas polainas e abriu a porta. Quando ela viu que era o lobo e não a Chapeuzinho que estava lá, não se importou.

Ela sabia que ia ser devorada, mas vivia tão só e esquecida que achou bom ter alguma companhia, ao menos por um breve instante, porque o faminto lobo saltou sobre ela e a devorou antes que ela pudesse dizer “Seja bem vindo”.

Depois de dar um pequeno soluço, o lobo disfarçou-se de Vovó e deitou na cama para esperar Chapeuzinho.

A menina vinha bem devagar pela mata, colhendo folhas, escutando os pássaros, brincando com os esquilos, bebendo água das fontes e cantando sua música
 “Pela estrada afora,
 Eu vou tão tristonha.
 Não tenho mais pai
 Sou uma orfãzinha.”

Finalmente, quando chegou à casa da avó, ela bateu na porta:

- Pleuque, pleuque, pleuque.
- Quem bate? – perguntou o lobo imitando a velhinha.
- Vovó, sou eu, sua netinha.
- Entre minha querida, eu não via a hora de você chegar.

Chapeuzinho abriu a porta lentamente e foi até a cama da avó. O lobo estava embaixo das cobertas e usando uma touca, de modo que só se podia ver um pouco de sua cara. A menina, percebendo que havia alguma coisa esquisita no ar, perguntou:

- Por que você tem orelhas tão grandes?
- São para escutar as vozes dos amigos.
- E esses olhos tão grandes?
- São para ver as pessoas.
- E essas mãos tão grandes?
- São para abraçar as visitas.
- E esse nariz tão grande?
- É para sentir o cheiro dos outros.
- E essa boca tão grande?
- Podia ser para conversar, mas vai ser para te comer mesmo!

E dizendo isso, o lobo ficou de pé sobre a cama e preparou-se para saltar sobre a menina.



Mas, antes que fizesse isso, Chapeuzinho Branco ergueu a mão e disse:

- Quero que o senhor saiba que eu não me importo de morrer, porque sou uma menina muito triste, pois amava meu pai e ele morreu.

O lobo, que era muito emotivo, não esperava ouvir aquilo. Então sentou-se na Cama e começou a chorar.

A menina também ficou emocionada e pôs-se a soluçar. Então um caçador que estava andando por ali escutou aquela barulheira e resolveu dar uma olhada.

Quando abriu a porta viu o lobo e a Chapeuzinho chorando, ele colocou balas em sua espingarda e apontou para o lobo. Mas quando ia atirar, ouviu a porca fazer um nhec.

Era a mãe de Chapeuzinho que vinha chegando. Ela e o caçador trocaram um olhar como se se conhecessem de algum lugar.

Ele abaixou a arma e perguntou:

- Minha senhora, por acaso nos seus tempos de menina, você não morava numa casinha no alto da colina?
- Sim – respondeu a mãe de Chapeuzinho Branco.

- Pois eu era seu vizinho.
- Astolfo?
- Eu mesmo.
- Puxa, há quanto tempo! Como é que você me reconheceu?
- Na verdade, nunca te esqueci.
- Confesso que eu era apaixonado por você.
- Assim você me deixa encabulada... mas devo admitir que eu também tinha uma quedinha por você...
- Pena que os meus pais decidiram sair lá da colina...
- Pois é...
- E o que aconteceu com você?
- Eu me casei e tive essa bela menina. Mas o pai dela morreu... sabe?
- Quer dizer que você está livre, quero dizer viúva?
- Sim.





Os dois estavam no maior bate-papo quando a avó gritou lá de dentro da barriga do lobo:
- Me tirem daqui!

O caçador falou para a mãe de Chapeuzinho Branco:
- Bem, você se importa se eu tirar a Vovó de dentro da barriga do lobo antes da gente continuar a conversa?

- Não, não, vá em frente.

Ao o caçador apertou a barriga do lobo com força e Vovó saiu de lá num pulo. A desengolida velhinha, quando se viu livre, falou:

- Muito obrigada, senhor caçador. O senhor salvou minha vida.

Se bem que a minha vida é tão solitária que eu nem me importei de ter sido engolida!

- Sua vida não será mais solitária, minha senhora.

- Não? – a Vovó perguntou.

- Não – respondeu o caçador – pois eu vou pedir a mão de sua filha em casamento e, se ela aceitar, nós vamos morar todos juntos.

- Pois eu aceito! – disse a mãe de Chapeuzinho.

Ao ouvir isso, a menina falou:

- Que bom! Agora vocês tem um ao outro, Vovó tem companhia e eu tenho um pai! Mas e o lobo? Nesse momento o lobo disse:

- Também estou cansado de ser um lobo solitário, que tal se vocês me adotassem como lobo de estimação?

E assim, todos ficaram felizes para sempre.

O caçador e a mãe de Chapeuzinho Branco porque se casaram.

A Vovó porque passou a ter companhia.

O lobo porque deixou de ser solitário.

E Chapeuzinho Branco porque aprendeu uma lição:

“Ninguém gosta de ficar sozinho”.



CHAPEUZINHO LILÁS

Era uma vez uma menina muito famosa em sua pequena vila. Todo mundo gostava dela, e a sua avó mais ainda, tanto que lhe costurou uma capinha com capuz. A roupa era violeta, e a menina a usava tanto que o pessoal até lhe botou um apelido: Chapeuzinho Lilás.

- Um dia a mãe de Chapeuzinho lilás chamou-a e disse:
- Filha, leve essas revistas com fofocas sobre gente famosa para a sua avó, que vive á no meio da floresta.
 - Tenho que ir mesmo, mamãe? – perguntou Chapeuzinho.
 - Sim, tem, você não quer continuar com sua fama de ser uma menina obediente e trabalhadora?
 - Quero.
 - Então você tem que ir. Não é fácil manter a boa fama.
 - Tá bom, eu vou...

Então a menina colocou as revistas numa cesta, deu um beijo na mãe e partiu. No caminho ela cantava assim:

“Quero ser famosa
B em conhecidinha.
Ai não andaria
Nunca mais sozinha.”



Chapeuzinho vinha pela floresta quando, de repente, o lobo saiu de trás de uma moita.

- Bom dia, menina do chapeuzinho lilás.
- Bom dia, senhor.
- O que você leva ai nessa cesta?
- Revistas de fofocas.
- Para mim?
- Não, para a minha avó. Ela vive lá no meio da floresta.

Então o lobo pensou assim: “Caramba, estou com tanta fome que seria capaz de comer a avó desta menina e depois ela mesma como sobremesa.” Mas ele não podia atacar Chapeuzinho ali, pois algum caçador poderia escutar os gritos e vir em socorro da menina. Foi quando o lobo teve uma idéia e disse:

- Esta vendo aquela trilha? Ela também vai ate a casa de sua avó. É um caminho mais longo, mas você poderia pegar uns lilases para ela.
- Que excelente idéia, senhor. Vou fazer isso mesmo!

Assim Chapeuzinho pegou o outro caminho e começou a colher lilases. Enquanto isso, o lobo foi pelo caminho mais curto até a casa da avó.

- Quando chegou, bateu na porta:
- Pam, pam, pam.



- Quem bate: - perguntou a velhinha lá de dentro.
 - Sou eu, sua netinha - falou o lobo disfarçando a voz.
- A Vovó então levantou-se e abriu a porta. Mas não havia ninguém lá, e a Vovó disse:
- Xi, eu devo ter imaginado que bateram na porta. Ré. Ré, estou ficando velha...

E então voltou para a cama.

Você quer saber por que o lobo não estava lá na porta? Eu explico. É que o lobo teve uma crise de consciência. Ele pensou assim: "Que coisa horrível eu vou fazer: comer essa pobre velhinha! Não, não farei isso! Está na hora de mudar as coisas!" E aí ele se escondeu atrás de uma moita.

Pouco depois Chapeuzinho chegou e bateu à porta:

- Pam, pam, pam.
- Quem bate? - perguntou a velhinha.
- Sou eu, Chapeuzinho Lilás.
- Entre, querida, a porta está aberta.

A Vovó estava embaixo das cobertas e usava uma touca tão grande que nem dava para ver a sua cara. A menina chegou perto dela devagarinho e perguntou:

- Por que você tem orelhas tão grandes?
- São para ouvir melhor o rádio.
- E esses olhos tão grandes?
- São para ver os programas de TV.
- E essas mãos tão grandes?
- São para segurar os jornais.
- E esse nariz tão grande?
- É para metê-los na vida dos outros.
- E essa boca tão grande?
- É para fazer fofocas - falou a Vovó. E dizendo isso elas começaram a rir e ler as revistas. E leram tanto que acabaram pegando no sono.



CHAPEUZINHO PRETO

Era uma vez, numa vila perto de uma floresta bem escura, uma menina de olhos e cabelos negros. Todo mundo gostava dela, e sua avó mais ainda, tanto que decidiu lhe fazer uma capinha com capuz. A roupa era muito elegante, toda de veludo negro, e a menina andava para cima e para baixo com ela. Por conta disso, as pessoas começaram a chamá-la de Chapeuzinho Preto.

Um dia, a mãe de Chapeuzinho disse:

- Filha, leve essas jabuticabas para a sua avó, que vive lá no meio da floresta.
- Pode deixar, mamãe, eu vou e volto num minuto.
- Mas olhe, não saia do caminho porque a floresta é perigosa.

Então a menina colocou as jabuticabas numa cesta e deu um beijo na mãe e partiu. No caminho, ela cantava assim:

"Pela estrada a fora,
Eu vou depressinha.
Levar essas frutas
Para a vovozinha."

Chapeuzinho entrou na floresta. A cada passo as árvores se fechavam e a mata ficava mais escura. Mas ela não sentia medo.



Assim foi até que, de repente, o lobo saiu de trás de uma moita e falou:

- Bom dia, menina do chapeuzinho preto.
- Bom dia, senhor.
- O que você está trazendo nessa cesta?
- Algumas jabuticabas.
- Para mim?
- Não, elas são para a minha avó, que vive no meio da floresta.

Naquela hora o lobo pensou: "Minha fome é interminável. Um dia, com certeza, eu comerei essa pequena."

Então ele disse:

- Está vendo aquela trilha? Vai até a casa de sua avó. É um pouco mais comprida, mas está cheia de umas flores chamadas sempre-vivas. Por que você não vai por ali e leva algumas para ela?
- Que idéia supimpa, senhor! Vou fazer isso mesmo!

Assim, enquanto Chapeuzinho pegou o outro caminho, o lobo foi por um atalho até a casa da avó. Quando chegou lá, tocou a campainha:

- Blem, blem, blem.
- Quem bate? - perguntou a velhinha lá de dentro.
- Sou eu, sua netinha - falou o lobo disfarçando a voz - Vim trazer jabuticabas para a senhora.

A Vovó então pôs óculos e abriu a porta. Quando viu que era o lobo e não Chapeuzinho quem estava lá falou:

- Ah, é você? Sabia que viria me buscar um dia. Entre, não repare na bagunça.

O lobo sentou-se na cama e perguntou:

- A senhora estava esperando por mim?
- Eu sabia que você ia chegar. Até que demorou bastante.
- Eu vou ter que engoli-la agora - disse o lobo.

- Eu sei - disse a Vovó fechando os olhos lentamente. E então o lobo engoliu a avó de uma só vez, tão rápido que ela nem teve tempo de dizer "adeus".



Depois o lobo deitou-se calmamente na cama para esperar Chapeuzinho.

A menina vinha andando pela mata tão lentamente, mas tão lentamente, que nem viu o tempo passar. Finalmente quando chegou à casa de avó, tocou a campainha:

- Bim, bim, bim.
- Quem bate? – perguntou o lobo lá de dentro, com a voz rouca.
- Sou eu, sua netinha, vovó.
- Entre, querida.



Chapeuzinho abriu a porta e foi em direção à cama da avó. Mas, no caminho, passou por um espelho e viu que estava mais velha, já era mulher.

- Puxa, acho que fiquei muito tempo colhendo flores.
- Sim, você está muito diferente – disse o lobo.

Chapeuzinho chegou mais perto do espelho e, olhando para o seu rosto, perguntou a si mesma:

- Por que eu tenho orelhas tão grandes?
- E ela se respondeu:
- Ah, é porque agora já posso usar brincos.
- E esses olhos tão grandes?
- É porque agora posso ver mais coisas.
- E essas mãos tão grandes?
- É porque agora posso alcançar o que antes eu não alcançava.
- E esse nariz tão grande?
- É porque agora sou dona do meu próprio nariz.
- E essa boca tão grande?
- Acho que é porque já posso falar por mim mesma – falou Chapeuzinho.

Depois ela se virou para o lobo e perguntou:

- Onde está minha avó?
- Eu a engoli – respondeu ele.
- E quem é você?
- Sou o lobo dos lobos. As pessoas me chamam de Tempo.
- Você também vai me engolir?
- Vou, mas não agora. Vamos comer essas jabuticabas?

Então eles comeram bastante e tiraram uma sonequinha. Como estavam com a barriga cheia, começaram a roncar alto, mas tão alto que um caçador que estava andando por ali escutou o barulho e resolveu dar uma olhada.

Quando abriu a porta, o caçador viu o lobo, colocou balas em sua espingarda e atirou. Mas errou todos os tiros. Então o caçador exclamou:

- Lobo maldito! Não consigo vencê-lo!
- Isso é impossível, caro caçador, mas nos podemos ser amigos. - Como, se um dia você vai me engolir?
- Ora, vamos ser amigos enquanto esse dia não chega.

E dizendo isso, o lobo pegou as duas jabuticabas que sobraram, deu uma para o caçador, outra para Chapeuzinho, e saiu pela janela dizendo:

- Até breve.

E, assim, todos ficaram felizes:

O caçador porque reconheceu que não podia vencer o lobo.

A Vovó porque teve uma vida feliz e demorou para ser engolida.

E Chapeuzinho Preto porque aprendeu uma lição:

“Devemos comer as jabuticabas bem devagar e aproveitar cada uma.”

